

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio e outomno.

P. u. as frondes.

Emp. como peitoral, detersiva, diuretica e adstringente¹.

Polypodium vulgare. L.

(*Polypodium polymorphum*. Villers.)

Polypodio, feto doce.

Hab. nos arredores de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas².

Emp. como anthelmintico, outr'ora attribuia-se-lhe virtudes laxantes. Pouco usado.

Adiantum capillus-veneris. L.

Avença, avença, capillaria.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. as frondes.

Emp. como emolliente e peitoral.

Pteris aquilina. L.

Feto femea das boticas, feto ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico, podendo-se usar na falta do feto macho. Pouco usado.

Asplenium ruta-muraria. L.

Ruta muraria, paronychia de Mathiola, avença branca, ardua dos muros.

Hab. na Beira meridional junto do Tejo, no Minho e Trás-os-Montes.

Flor. desde abril a outubro.

P. u. as frondes.

¹ Nas vizinhanças de Coimbra o povo usa um xarope feito com as frondes d'esta planta para debelar a coqueluche.

² As frondes d'este feto, foram antigamente muito empregadas na medicina, hoje porém está quasi abandonado o seu uso.

Emp. como emenagoga e peitoral. Pouco usada.

Asplenium trichomanoides. Cav.

(*A. Trichomanes*. L.)

Avenção, Polytricho das boticas.

Hab. nas proximidades de Coimbra, assim como na parte septemtrional do paiz.

Flor. desde abril a setembro.

P. u. as frondes.

Emp. como emenagoga e peitoral¹. Pouco usado.

Asplenium adianthum nigrum. L.

Avenca negra.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em toda a Beira.

Flor. desde maio a setembro.

P. u. as frondes.

Emp. como peitoral e diuretico². Pouco usada.

Athyrium filix foemina. Rth.

(*Polypodium Filix foemina*. L.)

Feto femea dos Italianos.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em quasi toda a parte septemtrional do paiz.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmentico. Pouco usado.

Scolopendrium officinali. Sm.

(*Sc. Lingua*. Cav.; *Sc. Phyllitis*. Rth.; *Asplenium Scolopendrium*. L.)

Lingua cervina, lingua de boi, escolopendrium.

Hab. nas proximidades de Coimbra, e na parte septemtrional do paiz.

Flor. desde maio a setembro.

P. u. as frondes.

¹ Texidor y Cos diz que este feto é empregado com frequencia na medicina e particularmente nos hospitaes, em Hespanha.

² Em Hespanha usam das frondes d'este feto em lugar da avenca, e no commercio vende-se repetidas vezes, como se fôra avenca do Canadá. *Adiantum pedatum*. L. (Texidor y Cos).

Emp. como peitoral e emolliente. Pouco usada.

Aspidium aculeatum. Koch.

(*Polypodium aculeatum*. L.; *Tectaria aculeata*. Cav.; *Nephrodium aculeatum*. Coss. et Germ.)

Hab. nas proximidades de Coimbra e nas provincias da Beira, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico. Pouco usado.

Polystichum Filix-mas. Rth.

(*Polypodium Filix-mas*. L.; *Nephrodium Filix-mas*. Coss. et Germ.; *Aspidium Filix-mas*. Sw.)

Feto macho. Dentebrura.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em todas as nossas provincias septemtrionaes.

Flor. desde maio a setembro.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico de reconhecida efficacia.

Polystichum cristatum. Rth.

(*Polypodium cristatum*. L.; *Tectaria cristata*. Cav.; *Polystichum Callipteris*. D. C.; *Nephrodium Callipteris*. Coss. et Germ.)

Hab. em alguns pontos do nosso paiz (Welw.)

Flor. em julho e agosto.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico. Pouco usado.

Polystichum spinulosum. D. C.

(*Aspidium spinulosum*. Sw.; *Nephrodium spinulosum*. Desv.; *Polypodium cristatum*. Vill. non L.)

Hab. em alguns pontos do nosso paiz (Welw.)

Flor. desde junho a setembro.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico. Pouco usado.

Osmundaceae. Mart.

Osmunda Regalis. L.

Feto real.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz, com especialidade na Beira.

Flor. desde maio a setembro.

P. u. os rhizomas.

Emp. como diuretico. Pouco usado.

Selagines

Lycopodiaceae. D. C.

Lycopodium clavatum. L.

Lycopodio, pé de lobo.

Hab. em alguns pontos do paiz nos montes elevados (Vand.)

Flor. em agosto e setembro.

P. u. os esporos.

Emp. para polvilhar as excoriações e erythemas em adultos e crianças, assim como para envolver as pilulas.

ACROBRYA HYSTEROPHYTA

AMPHIBRYA

Glumaceae

Gramineae. Juss.

Oryza sativa. L.

Arroz.

Planta originaria da China e India oriental e muito cultivada em alguns pontos do nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. as sementes.

Emp. internamente na diarrheia catarrhal; externamente em cataplasmas, que substituem com vantagem as de linhaça por não se alterarem facilmente com o calor das superficies do corpo a que se applicam. Usa-se ainda em pó para polvilhar as regiões affectadas de erysipela.

Zea mays. L.

Milho.

Planta indigena do Paraguay e cultivada em Portugal.

Flor. no estio.

P. u. as sementes e os estyletes¹.

Emp. as sementes como emollientes e alimenticias². O povo attribue aos estyletes propriedades diureticas.

Arundo donax. L.

Canna.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. nos fins do estio e principios do outomno.

P. u. os rhizomas.

Emp. com depurativo e antileitoso. Pouco usada.

Phragmites communis. Trin.

(*Arundo phragmites*. L.)

Caniço d'agua.

Hab. nas terras humidas junto ao Tejo e Mondego, entre Monte-mór-o-Velho e Lares, e em outros sitios do paiz.

Flor. em agosto e setembro.

P. u. os rhizomas.

Emp. como sudorifico e depurativo³. Pouco usado.

Cynodon dactylon. Pers.

(*Panicum dactylon*. L.; *Paspalum dactylon*. D. C.; *Dactylon officinale*. Vill.)

Gramma das boticas, Gr. canina.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, assim como em todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anti-phlogistico e diuretico.

Avena sativa. L.

Aveia.

Cultiva-se no paiz e com especialidade nas provincias septentrionaes⁴.

¹ Vulgarmente chamada a barba do milho.

² Nas visinhanças de Coimbra a medicina popular usa do xarope das sementes do milho para debellar a tosse.

³ Tem-se recommendado contra o rheumatismo, gotta e especialmente como antisiphilitico.

⁴ Segundo Brotero cultivam-se no paiz a *Avena agraria*, Brot. (Avea)

Flor. no principio do verão.

P. u. as sementes.

Emp. como emolliente¹.

Lolium temulentum. L.

Joio.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, assim como em todo o paiz.

Flor. desde maio a julho.

P. u. as sementes.

Emp. nos ataques violentos de rheumatismo das menin-gues². É planta toxica para o homem, e ainda é desconhe-cido o antidoto especial d'este veneno. Pouco usado.

Triticum vulgare. Vill.

(*T. aestivum* et *T. hibernum*. L.)

Trigo.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. 1.º a *farinha*: para polvilhar as partes erysipela-das e para fazer caldos analepticos.

2.º *farello* ou *semeas*: em cosimentos para clysteres e banhos.

3.º *gluten*: para fabricação do pão para os doentes que soffrem de diabetes.

4.º *amido*: nas erysipelas e em varias molestias de pelle, assim como em caldos, geléas, cataplasmas e clysteres.

5.º *dextrina*: como emolliente e mucilaginoso e para em-beber as ligaduras no chamado aparelho amidonado.

Agropyrum repens. P. B.

Triticum repens. Lin.

Gramma das boticas de França.

—*A. agraria mutica*, Brot. (Avêa mocha.)—*A. agraria sesquialtera*, Brot. (Avêa ordinaria)—que nos parece não serem mais do que variedades da Avena sativa. L.

¹ Na Escocia preparam com as sementes de aveia uma bebida alcoolica muito estimada pelo povo da Gran-Bretanha, a que chamam *Wiskey*.

² Vide *Toxicologia* do dr. Macedo Pinto, artigo *Lolium temulentum*.

Hab. na Beira septentrional, no Minho, Douro e Trazos-Montes.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o mesmo que o da grama já mencionada. *Cynodon Dactylon*. (Pers.)

Secale cereale. L.

Centeio.

Planta originaria do Caucaso-Caspio, e cultivada em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. como alimenticia e emolliente.

Hordeum hexastichum. L.

Cevada.

Cultiva-se em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. como emolliente, e, misturada com a grama, usa-se internamente nas phlegmasias e em varias molestias febris.

Hordeum distichum. L.

Cevada santa ¹.

Planta indigena da Tartaria, e cultivada em alguns pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes. ²

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usada.

Cyperaceae. D. C.

Carex arenaria. L.

Salsa parrilha de Allemanha.

¹ O povo por muito tempo a considerou d'uma efficacia milagrosa em certas molestias, e deu-lhe por isso o nome de *Cevada santa*.

² As caryopses descorticadas e arredondadas constituem a *Cevadinha* ou *Cevada perlada* (Pharmacopéa Portugueza, 1876).

Hab. no littoral do Minho e no littoral proximo da cidade do Porto.

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas.

Emp. como depurativo. Pouco usada.

Scirpus holoschoenus. L.

(*Isolepis holoschoenus*. R. S.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. desde maio a julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. contra as dôres do ventre, hemorragias e diarrêas. Pouco usado.

Scirpus lacustris. L.

Bunho.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e na parte austral do paiz.

Flor. desde maio a julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Cyperus longus. L.

Junça de cheiro ou albafor.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. nos fins na primavera e no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como excitante, estomachico e emenagogo. Pouco usada.

(Instituto de Coimbra.)

(Continúa.)

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

VARIETADES

Maneira de tirar das ostras as qualidades nocivas.—É necessario banhal-as, durante cinco a seis horas, em agua doce, renovada repetidas vezes; então ellas vomitam e rejeitam todas as materias que as inquinam. É tambem conveniente ajuntar, ao seu tempero, um pouco de vinagre.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 9 DE ABRIL DE 1881

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte**Correspondencia**Officios: 1.º Da *Pharmaceutical Society of Great Britain*.—Inteirada.

2.º Do sr. Francisco Antonio de Goes, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

3.º Do sr. José Gabriel de Sousa e Silva, participando que não podia comparecer á sessão.—Inteirada.

4.º Do sr. Pedro Franco a agradecer as felicitações que a sociedade lhe enviou.—Inteirada.

5.º Do sr. João Maria Corrêa Barbosa, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

6.º Do lente bibliothecario da escola polytechnica, annunciando uma remessa de livros vindos da Smithsonian Institution para a bibliotheca da sociedade.—Inteirada.

7.º Do sr. Francisco Antonio Goes, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

8.º Circular da Smithsonian Institution.—Inteirada.

9.º Circular da commissão que promove a subscripção para o monumento de Vieira da Silva.—A sociedade resolveu subscrever com 4\$500 réis.

O sr. *presidente* lembra a conveniencia de se estudar um meio de obter, por preço favoravel, uma casa para a sociedade estabelecer definitivamente a sua séde, evitando assim os inconvenientes a que se acha actualmente sujeita.

Fallam detidamente sobre o assumpto os srs. presidente, Tedeschi, Delicioso e Assumpção.

Foi offerecida á sociedade, pelo sr. dr. Sousa Martins, uma carta antiga de pharmaceutico, para a qual se mandou fazer uma moldura conveniente.

O sr. *presidente* dando conta á sociedade dos meios empregados pela Mesa para obter a reforma do ensino pharmaceutico, participou que se enviára uma representação á Universidade de Coimbra e ao conselho de cada uma das Escolas Medicas do paiz encarregadas de propôr ao governo a reforma do respectivo ensino.

Participou tambem que se dirigiram cartas pessoalmente a cada um dos membros dos conselhos, pedindo para que promovam tão necessaria e desejada reforma.

Ordem do dia

Leitura de proposta para socio honorario.—Á commissão de direito pharmaceutico.

Tiveram primeira leitura duas propostas para socios effectivos e uma para socio correspondente.

Tiveram segunda leitura tres propostas, sendo proclamados socios correspondentes os srs. João José Pereira Leal, de Pico de Regallados; Antonio Candido da Cruz, pharmaceutico do quadro da India; Manuel Lopes Affonso Ferreira, de Vianna.

Foi unanimemente approvedo o parecer da commissão de redacção relativo á publicação de annuncios na capa do jornal.

Por não haver mais de que tratar o sr. presidente encerrou a sessão. Eram dez horas da noite.—O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

SESSÃO DE 3 DE MAIO DE 1880

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approveda a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte

Correspondencia

Officios: — 1.º Do sr. Pereira Leal, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

2.º Do sr. Corrêa Barbosa, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

3.º Do sr. Adolpho Moller.—Inteirada.

4.º Do mesmo senhor.—Inteirada.

5.º Do collegio de pharmaceuticos de Madrid.—Inteirada.

6.º Do sr. João Diniz Simões, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

7.º Do sr. João Soares d'Oliveira, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

O sr. *presidente* agradeceu em nome da commissão promotora do monumento a Vieira da Silva, a quantia com que a Sociedade contribuiu.

O sr. *Pires* propoz que a mesa fosse visitar o sr. F. Ferreira que se acha gravemente doente.

Ordem do dia

Primeira leitura de proposta para socio honorario. — À commissão de direito pharmaceutico.

Primeira leitura de propostas para socios effectivos.

O sr. *Silva Machado* propoz: 1.º que a commissão de direito pharmaceutico seja convidada a elaborar um regulamento para uso da medalha; 2.º que se represente ao governador civil de Lisboa contra varios abusos que se praticam em detrimento dos legitimos interesses dos pharmaceuticos.

Tiveram primeira leitura os pareceres da commissão de pharmacia sobre os preparados do sr. Alves.

Foram eleitos e proclamados socios, effectivo :

O sr. Antonio Augusto d'Assumpção.

Correspondentes os srs. Acurcio Ramos de Carvalho e Manuel Fernandes Pessoa.

Por não haver mais de que tratar, o sr. presidente encerrou a sessão. Eram 10 horas da noite.—O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

PHARMACIA

Tabella synoptica para a diluição do alcool

PELO SR. G. PFERSDORFF

	100°	95°	92°	90°	86°	85°	80°	75°	70°	65°	60°	56°	55°	50°	45°	40°	35°	30°	25°	20°	15°*	
95°..	917 83																					
92°	873 127 48	952																				
90°	850 150 74 27	926 74 27	973																			
86°	800 200 128	872 128	916 84	941 59																		
85°	790 210 139	861 139	904 96	929 71	987 13																	
80°	730 270 204	796 204	836 164	858 142	912 8	924 76																
75°	673 327 267	733 267	770 230	791 209	841 159	851 149	921 79															
70°	620 380 324	676 324	710 290	729 271	775 225	784 216	849 141	921 79														
65°	560 440 390	610 390	641 359	658 342	700 300	708 292	767 233	832 168	903 97													
60°	510 490 444	556 444	584 416	600 400	637 363	670 330	698 302	757 243	822 178	910 96												
56°	470 530 488	512 488	538 462	552 448	587 417	594 406	643 357	701 299	758 242	839 161	921 79											
55°	460 540 499	501 499	526 474	541 459	575 425	582 418	630 370	683 317	741 259	821 179	901 99	978 22										
50°	415 585 548	452 548	475 525	488 512	518 482	525 475	568 432	616 384	669 331	741 259	813 187	883 117	902 98									
45°	380 620 586	414 586	435 565	447 553	475 525	481 519	526 480	564 436	612 388	678 322	745 255	808 192	826 174	915 85								
40°	335 665 635	365 635	383 617	394 606	418 582	424 576	458 542	497 503	540 460	598 402	656 344	712 288	728 272	807 193	881 119							
35°	290 710 684	316 684	332 668	341 659	362 638	366 634	397 603	430 570	467 553	517 483	569 431	617 383	630 370	698 302	763 237	815 135						
30°	255 745 722	278 722	292 708	300 700	316 683	322 678	349 651	378 622	411 589	457 543	500 500	563 437	554 446	614 386	671 329	762 239	879 121					
25°	225 775 755	245 755	257 743	264 736	281 719	284 716	308 692	334 666	382 638	401 599	441 559	478 522	489 511	542 458	592 408	671 329	775 225	882 118				
20°	185 815 799	201 799	211 789	217 783	231 769	234 766	253 747	274 726	298 702	330 670	362 638	393 607	402 598	445 555	486 514	552 448	637 363	725 275	822 178			
15°	150 850 837	163 837	171 829	176 824	187 813	189 811	205 795	222 778	241 759	267 733	294 706	319 681	326 674	361 639	394 606	447 553	517 483	588 412	666 334	810 190		
10°	110 890 881	119 881	126 874	129 871	137 863	139 861	150 850	163 837	177 823	196 804	215 785	234 766	239 761	265 735	289 711	328 672	379 621	431 569	488 512	594 406	733 267	

* Grãos do alcool que se quer diluir.

.. Grãos a que se quer chegar pela diluição.

(Journ. de pharm. d'Alsace-Lorraine.)

M.

Banho estimulante tonico
(Jeannel)

Chlorhydrato de ammonia.....	2 kilogram.
Chloreto ferroso crystallizado....	500 gram.
Agua de Colonia.....	100 »

Misture á agua do banho. Prescreve-se ás pessoas escrofulosas e chloro-anemicas. Oleo de bacalhau internamente, regimen fortalecente.

Clyster antidysenterico
(Palm)

Iodo.....	0,60 gram.
Iodeto de potassio.....	1,00 »
Agua distillada.....	60,00 »

Solva. Aconselhado contra a dysenteria. É necessario, algumas vezes, dar dois clysteres nas vinte e quatro horas e continuar o uso por mais dois ou tres dias. Para as creanças é sufficiente metade d'este soluto. Um dos principaes effeitos d'este clyster é fazer cessar promptamente o tenesmo.

Clyster contra a dysmenorrhéa
(Lisfranc)

Laudano de Sydenham....	10 a 20 gotas
Camphora.....	15 a 30 centigram.
Decocto de althea.....	80 gram.
Gemma de ovo.....	n.º 1

F. s. a. Administra-se quasi frio, na occasião de se deitar, para combater as dôres menstruaes. Fomentações quentes sôbre o ventre.

Collyrio antiescrofuloso
(Orosi)

Chloreto de baryo.....	0,50 gram.
Mucilagem de semente de marmelo.	2,00 »

Laudano de Sydenham.....	2,00	»
Agua distillada	30,00	»

F. s. a. Instilla-se algumas gotas, entre as palpebras das pessoas affectadas de ophthalmia escrofulosa. Prescreve-se igualmente o oleo de bacalhau, os preparados de quina e o regimen azotado.

Electuario adstringente

(Dr. Gallois)

Diascordio	15,00	gram.
Cato	10,00	»
Subazotato de bismutho.....	10,00	»
Opio em pó.....	0,50	»
Xarope de marmelo.....	q. b.	

F. s. a. Para ser dado em cinco dias, pouco mais ou menos, ás pessoas affectadas de colicas e diarrhéa. Bebidas pouco abundantes, comida principalmente composta de carne assada.

Gargarejo antiescorbutico

(Dr. Gallois)

Decocto de quina amarella.....	150	gram.
Tinctura de myrrha	8	»
Espirito de cochlearia.....	8	»
Xarope de amoras	40	»

Misture. E recommendado contra a gengivita escorbútica. Alimentação reconstituente, insolação.

Gotas antidiarrheicas

(H. Green)

Tinctura de camphora	18	gram.
Tinctura de pimenta de Hespanha...	6	»
Espirito de alfazema composto.....	42	»
Tinctura de opio camphorada.....	42	»

Misture. Vinte a quarenta gotas, nas formas ligeiras de diarrhêa, e na diarrhêa premonitória do cholera. Desde que os primeiros symptomas da diarrhêa cholericã se manifestam, administra-se trinta a sessenta gotas todas as horas, e mesmo mais se as circumstancias o exigirem. Estas gotas são igualmente efficazes para impedir a irritação intestinal, á qual as creanças e os adultos são sujeitos durante os calôres, quando mudam de regimen ou bebem agua de inferior qualidade da que faziam uso.

Linimento saponaceo iodado

(Dr. Gallois)

Sabão bem secco	23 gram.
Iodeto de potassio	23 »
Glycerina.....	15 »
Essencia de limão.....	2 »
Agua distillada.....	150 »

F. s. a. Applica-se em fricções, contra as obstrucções ganglionnarias e escrofulosas.

Pilulas antiescrofulosas

(Thomson)

Oxydo ferrico.....	4,00 gram.
Extracto de cicuta.....	1,20 »

F. s. a. 24 pilulas. Uma a quatro por dia, para combater certos accidentes da escrofula e evitar a cachexia cancerosa.

Pilulas contra a dysmenorrhêa

(Dr. Gallois)

Castoreo em pó.....	4,00 gram.
Camphora em pó.....	0,60 »
Extracto de opio.....	0,30 »
Arrôbe de sabugueiro.....	q. b.

F. s. a. 12 pilulas. Administra-se duas de seis a seis horas, para fazer cessar as colicas da dysmenorrhœa. Cataplasmas quentes sôbre o ventre, infusos quentes e aromaticos.

Pilulas opiadas camphoradas

(Tully)

Opio em pó.....	3 gram.
Camphora em pó.....	1 »
Sabão medicinal.....	7 »

F. s. a. 60 pilulas, que contêm cada uma cinco centigrammas de opio. Esta massa pilular conserva por muito tempo a mesma consistencia, pode-se-lhe ajuntar adstringentes ou outra especie de medicamentos. Administra-se uma a tres pilulas na cystita aguda e na tosse espasmodica.

Poção antidiarrheica

(Dr. Gallois)

Agua de alface.....	80,00 gram.
Extracto de opio.....	0,05 »
Extracto de ratanhia.....	60,00 »
Xarope de marmelo.....	32,00 »

F. s. a. Para ser administrada ás colhéres de hora a hora. Se a diarrhœa é acompanhada de vomitos, prescreve-se o uso de agua de Seltz, adoçada com xarope de marmelo; se as colicas são violentas, administra-se um quarto de clyster (125 gram.) amidonado e laudanizado e applica-se cataplasmas sôbre o ventre.

Poção antidysenterica

(Dr. Gallois)

Tinctura de cato.....	35 gram.
Laudano de Rousseau.....	4 »
Agua de canella.....	120 »
Xarope simples.....	25 »

Misture. Para ser tomada ás colhéres das de sopa depois da purgação, na dysenteria e na diarrhéa chronica acompanhada de evacuações abundantes.

Pomada bromo-iodada

(Dr. Gallois)

Brometo de potassio.....	2 gram.
Iodeto de ferro.....	2 »
Bromo.....	40 gotas
Banha preparada.....	30 gram.

F. s. a. Para untar, de manhã e de tarde, os tumores de origem escrofulosa.

Pomada resolutiva

(Guéneau de Mussy)

Carbonato de ammonia em pó.....	5 gram.
Camphora em pó.....	1 »
Banha preparada.....	30 »

F. s. a. Unções sôbre os gangliões cervicaes indolentes das pessoas escrofulosas. Tisana depurativa.

Soluto antiescrofuloso

(Augustin)

Chloreto de baryo.....	1 gram.
Perchloreto de ferro.....	1 »
Agua distillada.....	30 »

Solva. Administra-se 20 a 30 gotas, uma ou duas vezes por dia, nas affecções escrofulosas diversas e as doenças dos ossos. Regimen tonico.

Suppositorio contra a cystita

(Dr. Gallois)

Estearina.....	2,00 gram.
Oleo de cacáo.....	3,00 »
Extracto de belladona.....	0,20 »

F. s. a. um suppositorio. Aconselhado contra a cystita aguda. Pilulas opiadas e camphoradas internamente, cataplasmas emollientes sôbre o ventre.

Vinho antiescrofuloso

(Dr. Gallois)

Tinctura de iodo	6 a 8 gram.
Infuso de rosas rubras.....	50 »
Vinho velho.....	250 »

Misture. Administra-se uma colher, de manhã e de tarde, para combater a escrofula. Regimen azotado, banhos salgados e banhos de mar, exercicio no campo, gymnastica-

Xarope antiescrofuloso

(Verneuil)

Iodeto de potassio	4 gram.
Tinctura de iodo.....	4 »
Xarope de genciana.....	150 »
Xarope de quina.....	150 »

Solva. Uma ou duas colheres das de café por dia, ás pessoas affectadas de escrofula. Oleo de bacalhau e tisanas amargas.

Xarope tonico

(Bourgogne)

Xarope de quina.....	} aã 20 gram.
Xarope de casca de laranja.....	
Xarope de flor de laranjeira.....	
Vinho de Malaga.....	

Misture. Tres ou quatro colheres das de café por dia, ás creanças enfraquecidas das diarrheas prolongadas e dos vomitos.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Densidades de vapor dos halogeneos

Entre os novos dados obtidos em chimica geral, ultimamente, figura um que chamou a attenção dos homens sabios—é o facto da diminuição de densidade que experimenta o vapor do chloro, do bromo e do iodo quando se submete a uma temperatura elevada.

O sr. V. Meyer, usando um engenhoso apparatus, de que é inventor, para determinar a intensidade de vapor do chloro desde o vermelho escuro até ao branco brilhante, julgou reconhecer uma diminuição de densidade; empregando porém o iodo, é que tal mudança se torna bem sensivel e mesmo se pôde avaliar com alguma certeza.

Depois das publicações d'estas experiencias, os srs. Crafts e Meyer repetiram as mesmas observações com um apparatus ligeiramente modificado, tendo especialmente em vista determinarem com exactidão a temperatura a que operavam.

Os resultados a que chegaram estes sabios estão de accordo com aquelles que haviam sido annunciados, no que diz respeito ao facto capital da diminuição de densidade dos halogeneos com a elevação de temperatura; mas não julgam que esta variação pare sómente nos dois terços da densidade primitiva. Eis aqui as conclusões definitivas a que chegaram:

A densidade do chloro é normal até 1330°, temperatura maxima do forno de Perrot. A densidade do vapor de iodo é igualmente normal até 600°; a partir d'este ponto, observa-se uma diminuição de densidade continua, de sorte que a 1350° a densidade é reduzida a 0,60 do valor theorico, e os auctores admittem que, se se podessem fazer outras determinações a uma temperatura mais elevada, não se obteria senão metade da densidade primitiva, attingindo assim o limite do phenomeno.

Para o bromio os resultados são intermediarios; a temperatura a que principia a diminuir a sua densidade fica comprehendida entre 600° e 1350°.

Segundo os srs. Crafts e Meyer, para explicar estes factos singulares, pôde admittir-se que as moleculas de chloro, de bromio e de iodo representadas na chimica pelas formulas Cl^2 , Br^2 , I^2 , se desdobram, dissociam, a uma temperatura elevada para dar um gaz composto de atomos simples Cl, Br, I, que se reúnem de novo pelo esfriamento; concebe-se, admittida essa hypothese, que 0,50, ou metade da densidade normal, seja o limite da reacção. Concebe-se tambem a importancia que haveria em tomar as densidades nas mais elevadas temperaturas dos focos conhecidos e em demonstrar que depois de terem attingido 0,50, conforme a theoria, não vão além.

Se os factos que acabamos de expôr resumidamente têm despertado um tão vivo interesse, é porque não se trata aqui de um phenomeno exclusivamente chimico ou physico, mas de uma ordem de factos pertencendo indissolvelmente a essas duas sciencias e prendendo-se ás questões, ainda tão obscuras, da constituição da materia.

O sr. V. Meyer, com o auxilio do seu aparelho, pode tomar as densidades dos vapores de um certo numero de outros corpos reputados pouco volateis, mencionadamente o acido arsenioso e o protochlorreto de cobre, e fixou assim o seu verdadeiro peso molecular.

(*Revue scientifique.*)

A variação de densidade observada nos halogeneos pelos srs. Crafts e Meyer é muito semelhante á que apresenta o vapor do enxofre. Assim, segundo o sr. Dumas, a densidade d'este metalloide no estado aeriforme, determinada a 500° é de 6,654, e determinada a 860° é, segundo os srs. H. Deville e Troost, de 2,218; o que mostra que o vapor do enxofre, da mesma maneira que o dos halogeneos apresenta dois agrupamentos moleculares distinctos.

A. S. M.

HISTORIA NATURAL

Botanica

Catalogo das plantas medicinaes que habitam
o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 128)

Helobiae

Alismaceae. R. Br.*Alisma plantago.* L.

Tanchagem d'agua.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e verão.

P. u. os rhizomas e folhas.

Emp. os rhizomas como remedio contra a hydrophobia e a epilepsia, e as folhas como diureticas e rubefacientes. Pouco usada.

Coronariae

Juncaceae. Agardh*Juncus conglomeratus.* L.

Junco glomerado.

Hab. a parte septemtrional do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. como diuretico. Pouco usado.

Juncus effusus. L.

Junco diffuso.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em quasi toda a parte septemtrional do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

*Melanthaceae. R. Br.**Veratrum album. L.*¹

Hellebro branco.

Hab. no valle da Espera, junto da villa do Sabugueiro e em outros pontos da Serra da Estrella, assim como no Gerez.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. externamente obra como caustico e internamente como drastico e emeto-cathartico. A pomada tem-se empregado como antipsorica. Extrahe-se dos seus rhizomas a veratrina². Pouco usado.

Colchicum autumnale. L.

Colchico, lyrio verde.

Hab. na serra de Rebordão, proximo de Bragança e cultiva-se em alguns pontos do paiz para os usos pharmaceuticos.

Flor. em setembro e outubro.

P. u. os bolbos e sementes.

Emp. como sedante e diuretico na gotta e rheumatismo articular, em alta dose é um veneno irritante³.

*Liliaceae. Lindl**Lilium martagon. L.*

Martagão.

Hab. nas serras do Gerez, Estrella, Rebordão e em outros pontos na parte septentrional do paiz.

Flor. no principio do verão.

P. u. os bolbos.

Emp. como emolliente e diuretico. Pouco usado.

¹ Existem duas variedades d'esta planta, que são a *albiflorum* e *viridiflorum*.

² O *Hellebro branco* em dose elevada obra como veneno narcotico-acre.

³ Alguns pharmaceuticos no nosso paiz empregam em vez do *Colchicum autumnale L.* os colchicos da nossa Flora, que são o *C. Bivonae Guss.* (*C. multiflorum*, Brot.; *C. lusitanicum*, Brot.), *C. arenarium*, W. K. e a *Mesendera bulbocodioides*. Steud. (*C. bulbocodioides*, Bröt.); porém a acção d'estas ultimas especies é muito inferior á da primeira.

Lilium candidum. L.

Açucena branca, Cebola cecem.

Cultiva-se nos jardins¹.

Flor. em maio e junho.

P. u. os bolbos e flores.

Emp. as antheras como anodinas e emenagogas, as petalas como calmantes e antispasmodicas, os bolbos como emollientes². Pouco usada.

Muscari comosum. Mill.

(*Bellevalia comosa*. Kith.; *Hyacinthus comosus*. L.)

Jacinto penachudo, alho das bruxas.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os bolbos e sementes.

Emp. as sementes como febrifugas e os bolbos como purgativos e diureticos. Pouco usado.

Urginea scilla. Sthl.

(*Scilla maritima*. L.; *Sc. hispanica*. Clus.)

Cebola albarrã.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. entre agosto e outubro.

P. u. os bolbos.

Emp. como diuretico e espectorante, externamente usa-se muito o alcooleo de scilla em fricção em casos de edemacias. Em alta dóse é um veneno narcotico acre.

Ornithogalum umbellatum. L.

Leite de gallinha.

Hab. nas serras do Monsanto e da Arrabida, nas proximidades de Eiras, proximo a Coimbra, e em alguns outros pontos do paiz³.

¹ Na primavera de 1877, andando nós a herborisar, encontrámos alguns pés d'esta planta crescendo espontaneamente n'um terreno inculto nos montes de Sancta Clara, proximo a Coimbra.

² Texidor y Coz, diz que os bolbos d'esta planta se empregam muito em Hespanha na preparação de cataplasmas emollientes.

³ Esta planta cresce espontanea no Jardim Botânico de Coimbra e terrenos annexos.

Flor. na primavera.

P. u. os bolbos.

Emp. como emolliente. Pouco usado.

Allium cepa. L.

Cebola das cosinhas.

Planta originária da Asia e cultivada em grande escala no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. os bolbos.

Emp. como estimulante, rubefaciente, vermifugo, diuretico e expectorante. Pouco usada.

Allium porrum. L.

Porros hortenses.

Planta que habita a Italia, Oriente, Aegypto e cultivada no nosso paiz.

Flor. no verão.

P. u. os bolbos.

Emp. como expectorante, emolliente e ligeiramente diuretica. Pouco usado.

Allium scorodprasum. L.

Alhos grossos ou Alhos de Hespanha.

Planta indigena da Europa septemtrional e central, e que se cultiva no nosso paiz, principalmente no Alemtejo.

Flor. no estio.

P. u. os bolbos.

Emp. o mesmo que o da Cebola das cosinhas. Pouco usado.

Allium sativum. L.

Alho ordinario ou das cosinhas.

Planta originaria do Oriente e que se cultiva muito no nosso paiz.

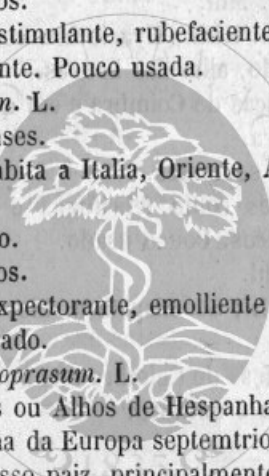
Flor. no estio.

P. u. os bolbos.

Emp. internamente como vermifugo; externamente como rubefaciente.

Asphodelus ramosus. L.

Gamoens, Abrotea dos hervolarios. Abrotea da primavera.



Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as raizes.

Emp. contra a sarna, queimaduras, e por meio da fermentação das suas raizes pôde obter-se alcool¹. Pouco usada.

Simethis bicolor. Kth.

(*Anthericum planifolium*. L.; *Anth. bicolor*. Desf.; *Phalangium bicolor*. D. C.)

Ouro peso, Disciplinas.

Hab. nas proximidades de Coimbra, e nas nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. na primavera.

P. u. as raizes.

Emp. Usada pelo povo em alguns pontos do paiz como purgativa.

Asparagus officinalis. L.

Espargo hortense.

Cultiva-se nas hortas e ás vezes apparece quasi que espontaneo proximo ás mesmas.

Flor. no estio.

P. u. as raizes e os turões recentes².

Emp. como diuretico e depurativo; é uma das cinco raizes aperientes.

Asparagus aphyllus. L.

(*A. phyllacanthus*. Lam.: *A. aphyllus* var. 1. Brot.; *A. rigidus* var. *aphyllus*. Lge.)

Corruda maior, Espargo silvestre maior, Espargo maior do monte.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. as raizes.

Emp. e mesmo que o da especie antecedente³.

¹ Pôde substituir-se pelo *Asphodelus aestivus*. Brot. (Abrotea de verão.) (Pharmacopêa Portugueza, 1876.)

² Vulgarmente chamados Pontas de espargo ou rebentões.

³ Nas pharmacias de Coimbra empregam a raiz do Espargo silvestre em vez da do Espargo hortense.

Smilacaceae. R. Br.*Polygonatum vulgare*. Desf.

(Convallaria Polygonatum. L.)

Sello de Salomão.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas.

Emp. como adstringente¹. Pouco usado.*Convallaria majalis*. L.

(Polygonatum majale. All.)

Lyrio convalle.

Planta originaria da Europa septemtrional e central, Italia, Corsega e Oriente, cultivada no nosso paiz².

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas, folhas e bagas.

Emp. como purgante, emetico, esternutatorio e febrifugo. Pouco usado.

Smilax aspera. L.

Legação, Salsa parrilha do reino.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. em agosto e setembro.

P. u. a raiz.

Emp. como sudorifero e depurativo na sarna e moles-tias chronicas da pelle.

Smilax mauritanica. Desf.³ (*S. aspera* B. mauritanica, Gren. et Goar.; *S. nigra*, W.; *S. catalonica*, Lam.; *S. aspera nigro-fructo*, Clus).

Legação.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e na maior parte do paiz.

Flor. em agosto e setembro.

¹ Na Russia é um medicamento vulgar contra a hydrophobia (Martius).² Brotero diz que nunca encontrou esta planta apesar de haver quem affirmasse tel-a encontrado espontanea em Portugal.³ Variedade: *B. Vespertilionis*. Bss.

P.u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Ruscus aculeatus. L.

Gilbarbeira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e nas nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. em março e abril.

P. u. os rhizomas.

Emp. como diuretico e é uma das cinco raizes aperientes.

(Instituto de Coimbra.)

(Continúa.)

VARIÉDADES

Processo para tornar a madeira incombustivel.—O processo do sr. Folbarri consiste no emprêgo das substancias seguintes: sulfato de zinco, 24,75 k.; potassa americana, 9,90 k.; alumen de America, 19,80 k.; oxydo de manganez, 9,90 k.; acido sulfurico a 60°, 9,90 k.; agua, 24,75 k. Introduce-se todas as materias solidas em uma caldeira contendo a agua á temperatura de 113° Fabr. (45°,30 centigrados). Logo que estejam solvidas ajunta-se, pouco a pouco, o acido sulfurico até completa neutralisação.

Para preparar a madeira, colloca-se em um apparelho especial sôbre grades de ferro, tendo-se cuidado de deixar entre cada peça um intervallo de meia polegada (0",0125); em seguida, por meio de uma bomba, injecta-se o liquido no apparelho e, quando todos os espaços vazioes estejam preenchidos, faça-se aquecer durante tres horas, findas as quaes será retirada a madeira e collocada em forma de grades, para seccar ao ar livre.

Modo de solver o caoutchouc e as resinas pelo chloroformio.—O sr. Cloez chama a attenção dos chimicos para o emprêgo que se pode fazer do chloroformio como solvente. Este liquido, com effeito, solve abun-

dantemente os corpos gôrdos e resinosos, e geralmente todos os productos mui carbonados.

O caoutchouc é, sem refutação, uma das substancias mais refractarias á acção dos solventes; o chloroformio solve-o a frio muito melhor que nenhum outro liquido e abandona-o pela evaporação com todas as suas propriedades primitivas.

O chloroformio solve, em grande quantidade, a resina copal e produz soluto limpido que pode ser empregado como verniz.

A chrysêna é difficil de purificar por meio dos solventes usualmente empregados; pode-se obter muito pura e em pouco tempo, solvendo-a a quente no chloroformio e deixando esfriar lentamente o soluto.

Tem sido tambem aconselhado o emprêgo do sulfureto de carbono; mas estes processos exigem pratica, por causa da differença de seu preço com o chloroformio.

Cerveja economica.—Para um barril de 30 litros, emprega-se:

Lupulo	64 gram.
Coentro	8 »
Melaço	1000 »
Pão em massa	500 »
Assucar	125 »
Fermento não lavado	93 »
Agua potavel	25 litros

Ajunta-se o lupulo e o coentro em 4 ou 5 litros da agua; dilua-se o pão em massa em 5 litros da agua fermentante; deita-se as outras substancias no restante da agua; reuna-se os tres liquidos dentro do barril não rolhado; deixa-se produzir a fermentação, a qual dura habitualmente 4 ou 5 dias e, depois de uma semana de repouso, a cerveja pode ser consumida.

(*Le petit Journal*, 1880.)

PHARMACIA

Peptonas

Dotadas de um valor therapeutico axiomatico para uns e duvidoso para outros, são as *peptonas* um dos agentes de que mais se têm occupado ultimamente os jornaes *pharmaco-therapeuticos*, havendo até dado logar a gladiarem-se em acalorada controversia dois pharmaceutices francezes, inspirados, não no amor da sciencia, mas sim nos seus interesses particulares.

Não pretendemos ser juiz em nenhum dos casos; mas visto os preparados de peptonas (vinho e elixir) serem actualmente prescriptos repetidas vezes por alguns clinicos, julgamos opportuno quebrar, com uma noticia, ainda que resumida, o silencio que a tal respeito tem sido guardado nas paginas d'este jornal.

O sr.^o Petit, illustrado presidente da sociedade de pharmacia de Paris, depois de repetidas experiencias em que fez variar as proporções relativas de agua, de pepsina e de acido, adoptou para a preparação das *peptonas* o seguinte processo:— Tome-se um kilogramma de carne de vacca, limpa de gordura e tendões, corte-se miudamente e ponha-se em digestão durante 12 horas em 10 litros de agua acidulada pelo acido chlorhydrico (4 gram. por litro) a uma temperatura de 50°, agitando repetidas vezes; ajunte-se pepsina em quantidade sufficiente, que varia conforme a sua actividade (da pepsina de porco preparada pelo processo do sr. Petit bastam 10 grammas); passadas 12 horas, cõe-se, deixe-se esfriar e filtre-se por um filtro previamente molhado para reter a materia gôrda, e o liquido não deverá dar precipitado pela addição de acido nitrico; sature-se completamente pelo bicarbonato de soda, e evapore-se a banho de agua até á secura. Um kilogramma de carne produz, termo medio, 250 grammas de peptonas sêccas.

Em logar de evaporar até á secura, pode-se concentrar

as peptonas de maneira a obter um liquido marcando 25° Baumé, que contém cerca de 50 por cento de peptonas.

As peptonas preparadas pelo processo que fica indicado, ás quaes o sr. Petit chama *peptonas pepsino-chlorhydricas*, podem ser administradas solvidas em caldo; mas como retêm grande quantidade de chloreto de sodio, não convêm, por causa do seu sabor salgado, para os preparados pharmaceuticos, pois que ficam desagradaveis.

Para evitar este inconveniente, propõe o sr. Petit que seja substituido, na preparação das peptonas, o acido chlorhydrico pelo acido tartarico (15 gram. para os 10 litros de agua). Quando a transformação estiver terminada, filtre-se como fica indicado, e divide-se o liquido filtrado em duas partes eguaes; sature-se uma pelo bicarbonato de potassa e junte-se em seguida á outra porção do liquido (forma-se assim cremor de tartaro, do qual uma parte precipita immediatamente); filtre-se, leve-se á consistencia de xarope e deixe-se esfriar. Quasi todó o cremor que ainda continha se deposita em crystaes; decante-se e evapore-se a banho de agua até á seccura.

Os preparados pharmaceuticos feitos com estas peptonas, contendo diminuta quantidade de cremor de tartaro, ficam muito superiores em sabor áquelles em que entram eguaes doses de *peptonas pepsino-chlorhydricas*.

Para se fazer idéa de qual seja o partido que a medicina possa colher do emprego das peptonas, apresentamos em seguida as conclusões formuladas pelo distincto professor, o sr. Sée, publicadas no *Journal de therapeutique*, depois de ter ensaiado as peptonas em diferentes casos pathologicos:

1.º Nas obstrucções das vias superiores, a alimentação pelas peptonas é a unica possivel; ella basta para prolongar a vida dos doentes; mas a sua acção local acaba por ser nociva, determinando a diarrhéa rectal, e por embaracar assim a absorpção das peptonas;

2.º Nos anus contra a natureza, se a extremidade infe-

rior comprehende uma grande porção de intestino delgado e a primeira parte do colon, pode-se esperar chegar á alimentação directa, isto é, á peptonisação pelo succo intestinal e sobretudo pelo succo pancreatico.

Se pelo contrario a lesão é muito em baixo, e o grosso intestino não possui já meio algum de peptonisação, o unico recurso que resta é o emprêgo das peptonas artificiaes; mas, infelizmente, a dôse necessaria para entretenimento da vida é tão grande que se torna quasi impossivel esperar isso, além de um certo tempo, sem provocar accidentes funestos de irritação local;

3.º Nas dispepsias graves, nos vomitos alimentares incoerciveis, as peptonas constituem um recurso auxiliar que convem não desprezar.»

Para os preparados pharmaceuticos de peptonas, o sr. Petit recommenda as formulas seguintes:

Elixir de peptona

Alcool a 95°	10
Vinho de Frontignan ¹	40
Assucar	25
Agua	20
Peptona tartarica	5

Solva a peptona na agua, depois junte o vinho e o assucar e filtre. Uma colher das de sopa (20 grammas) contém 1 gramma de peptona.

Xarope de peptona

Agua	30
Assucar	60
Peptona tartarica	5
Tinctura de casca de laranja	5

F. s. a.

¹ Póde ser substituido por vinho de Carcavellos.

Vinho de peptonáVinho de Malaga¹ 95

Peptoná tartarica..... 5

Solva a frio.

Preparação do xarope de violetas pelo sr. C. Bernbech

Tomam-se 100 grammas de violetas, recentemente colhidas e privadas de seus calices, contundem-se em gral de latão ou de pedra com 50 grammas de alcool; deixa-se a massa em repouso durante cinco a seis horas em um vaso de vidro ou de porcellana, e depois submete-se á prensa. Ao liquido junta-se aquelle que se obtem ainda, submettendo o residuo da operação precedente á acção d'uma pequena quantidade de agua e depois a uma nova pressão. O peso do liquido é assim levado a 100 grammas; conserva-se este liquido filtrado em um pequeno frasco de vidro, cuja rôlha deve ter sido embebida de parafina salicylada, ou se transforma immediatamente em xarope misturando a frio com 900 grammas de xarope simples concentrado (D=1,35). Este xarope apresenta uma bella côr violeta e um perfume muito agradável; este resultado é devido ao alcool que, coagulando as materias albuminoides, tornou mais perfeita a dissolução da cyanina e da violina. A proporção do alcool é muito fraca para ser nociva.

(Archiv der Pharmacie.)

da Ordem dos Pharmaceuticos**Topico contra a caria dentaria**

Collodio..... 2 gram.

Acido phenico..... q. b.

Junta-se o acido por gotas ao collodio até formar massa

¹ Póde ser supprido por vinho da Madeira.

de consistencia gelatinosa. Introduce-se um bocadinho d'esta massa na cavidade do dente cariado e protege-se com uma bola de algodão. O seu effeito é seguro e rapido, segundo temos observado.

Outro

(Peyraud)

Introduce-se, por meio d'uma bola d'algodão, pequena quantidade de brometo de potassio em pó na cavidade do dente cariado e protege-se com outra bola d'algodão embebida em tinctura concentrada de benjoim. O brometo de potassio, segundo diz o auctor, cauterisa o nervo dentario, insensibilisa o dente e permite que a obliteração se faça rapidamente.

Poção contra a diarrhéa

(Dr. Beaumetz)

Sub-nitrato de bismutho	10 gram.
Laudano de Sydenham	10 gotas
Agua de hortelã	10 gram.
» de alface	70 »
Xarope de ratanhia	30 »

F. s. a. Para tomar ás colheres, com o fim de fazer cessar a diarrhéa.

SILVA MACHADO.

Centro de Documentação Farmacêutica

CHIMICA
da Ordem dos Farmacêuticos

Purificação do iodeto de potassio

(Pelo sr. Guichard)

Quando se ensaia o iodeto de potassio do commercio, reconhece-se que está longe de ser puro e que este producto não pode ser empregado nas pharmacias no estado em que o commercio o apresenta.

Se se analysar o iodeto de potassio pelo processo indicado pelo sr. Personne, encontra-se-lhe 82 a 90 por 100 de iodeto puro. O resto é formado de agua e de diversos saes que acompanham ordinariamente o iodeto de potassio. Não é raro achar no mesmo frasco crystaes marcando 82 e outros marcando 90; o que não deve surprehender e é devido a estes crystaes não provirem da mesma crystallisação. Effectivamente, um mesmo soluto de iodeto de potassio pode fornecer successivamente crystaes marcando 94 a 98, por exemplo.

Para se dar uma relação bem exacta das impurezas do iodeto de potassio, não basta ensaiar o iodeto crystallisado e sêcco na estufa, por que este iodeto contém agua, não de crystallisação pois que o iodeto é anhydro, mas agua de interposição. Esta quantidade de agua varia nos ensaios do sr. Guichard, sôbre os iodetos do commercio, entre 3 e 7 por 100. Esta agua não é iodeto de potassio, e o pharmaceutico está no direito de a considerar como uma impureza; mas sob o ponto de vista industrial não acontece assim, e convem estabelecer distincção entre a agua e as impurezas devidas á purificação incompleta ou a fraude.

Para apreciar estas impurezas, convem operar sôbre iodeto pulverisado e sêcco ou melhor sôbre iodeto fundido, e fazer dois ensaios ao mesmo iodeto com o licôr do sr. Personne. Os iodetos do commercio fundidos marcam 88 a 97 por 100.

Depois de ter experimentado os diversos processos de purificação que podem ser empregados, o sr. Guichard considera que o melhor meio consiste na preparação directa do iodeto de potassio pelo ferro e o iodo. Prepara-se assim iodeto de ferro que se precipita pelo carbonato de potassa. Obtem-se d'esta maneira um iodeto marcando crystallisado 96 e fundido 100.

O sr. Guichard pensa, pois, que é este o processo que se deve empregar para obter iodeto puro.

(*J. de pharmacie et de chimie*).

SILVA MACHADO.

TOXICOLOGIA

Methodos analyticos para se reconhecer a existencia de varios toxicos nos envenenamentos.

(Continuado de pag. 120)

Gaz de iluminação

O gaz de iluminação obtem-se geralmente pela distillação do carvão de pedra, e pode ser tambem obtido decompondo-se pelo calor as resinas, substancias gordurosas e betuminosas; e o que provém do carvão de pedra é formado, metade, de hydrogenio protocarbonado, depois hydrogenio bicarbonado, hydrogenio livre, oxydo de carbono, acido carbonico, acido sulphydrico.

Segundo o sr. dr. Rabuteau, o conteúdo n'estes productos é variavel, conforme o grau de temperatura e o periodo no qual se opéra a distillação. Os gazes obtidos, durante a primeira meia hora da distillação, são pouco resplandecentes; os da segunda meia hora são mais ricos de hydrogenio carbonado, e por consequencia mais luzentes.

A composição mediana do gaz, colhido depois da metade da distillação, representa approximadamente pelos algarismos seguintes, quando já privado dos acidos carbonico e o sulphydrico por meio da cal:

Hydrogenio protocarbonado.....	12
Hydrogenio bicarbonado.....	58
Hydrogenio livre.....	16
Oxydo de carbono.....	12,3
Azoto.....	1,7
	<hr/>
	100,0

O gaz de boa qualidade, produzido da usina de Inglaterra e analysado antes de ser purificado, é composto, segundo Henry, da maneira seguinte:

Hydrogenio protocarbonado.....	72
Hydrogenio bicarbonado.....	8
Oxydo de carbono.....	13
Acido carbonico.....	4
Acido sulfhydrico.....	3

100

Da composição d'este gaz, que contém tão grande proporção de oxydo de carbono, resulta os accidentes que lhe são attribuidos; além de que o hydrogenio protocarbonado não pode ser considerado como gaz perigoso, proposição apoiada pelo facto de que os operarios acham-se expostos sempre nas minas e soffrem sómente quando a proporção é consideravel. Em quanto ao hydrogenio bicarbonado, parece mais activo que o gaz dos pantanos, segundo as experiencias de Tourdes.

O primeiro caso de envenenamento pelo gaz de illuminação, referido por alguns auctores, teve logar em 1830, em Paris, n'um armazem da rua de Bussy; muitos outros casos, mortaes ou não mortaes, têm-se dado, e em Strasbourg, em 1841, a familia Béringer, composta de seis pessoas, só escapou uma.

O tratamento d'esta entoxicação é o mesmo que o empregado nos vapôres do carvão; a inspiração do oxygenio, a respiração artificial, as fricções, os cordiaes e mais tarde o purgante, têm produzido bons resultados. A electricidade tambem tem sido applicada contra as paralyrias consecutivas.

Saes de aluminio

O alumen ordinario (sulfato de alumina e de potassa) foi, outr'ora, ajuntado á farinha, assim como tem sido igualmente o sulfato de cobre. Segundo o exposto pelo sr. dr. Rabuteau, o pão que contém alumen é indigesto; Snow assevera que o rachitismo é uma das consequencias do uso do alimento assim falsificado, por que o phosphato calcareo

contido na farinha transforma-se em sulfato de cal, inepto para a nutrição do systema osseo.

Pela ingestão do alumen em soluto aquoso, as victimas, felizmente pouco numerosas, têm experimentado uma sensação de dôr forte e ardente na boçca, pharynge e estomago; sôbrevindo-lhes vomitos, mais ou menos abundantes, evacuações alvinas com colicas violentas, indisposição geral e anxiedade.

Tardieu e outros classificam o alumen em o numero dos venenos irritantes ou corrosivos; as doses capazes de produzirem a morte estão ainda pouco determinadas.

Em quanto á pesquisa do toxico, no caso de envenenamento, pode ser effectuada da maneira seguinte: tratar-se as materias suspeitas pelo acido chlorhydrico e o chlorato de potassa; tambem podem ser destruidas as materias organicas pela carbonisação directa; os compostos do alumen encontram-se nas cinzas no estado de alumina; estas cinzas, tratadas pelo acido chlorhydrico ou pela agua-regia, produzem chloreto de aluminio.

Encontrando-se a alumina nas materias submittidas á analyse, obtendo-se o precipitado normal de sulfato de baryta e, tratando-se em seguida pelo chloreto de baryo, o soluto resultante do tratamento pelo acido chlorhydrico e o chlorato de potassa, affirma-se que as materias suspeitas contém sulfato de alumina; achando-se ao mesmo tempo excesso de potassa nas cinzas, provenientes da carbonisação directa, tambem se pode certificar que estas materias encerram o alumen ordinario.

Para se verificar o alumen no pão, emprega-se o processo da carbonisação directa; e, para provar a presença dos sulfatos d'estas bases, trata-se o pão pela agua fervente e depois pelo chloreto de baryo o liquido filtrado.

Saes de baryo

São já conhecidos diferentes casos de envenenamento pelos saes de baryo. O sr. dr. Rabuteau descreve a inges-

ção de um sal solúvel de baryo, apresentando-se sabor es-typtico excessivamente desagradavel; nauseas, ás quaes succedem-se vomitos, que são algumas vezes immediatos, outras vezes mais ou menos tardios. Os pacientes experimentam em pouco tempo uma indisposição inexplicavel e prostração geral.

Entre os caracteres communs d'estes saes, encontram-se os seguintes: precipitam em branco com os carbonatos alcalinos, com a potassa e a soda; não dão precipitado com a ammonia, nem com o acido sulphydrico, sulphydrato de ammonia, ferrocyaneto e ferrocyaneto de potassio; precipitam pelo acido hydrofluosilico, os chromatos de potassa, o acido sulfurico e os sulfatos solúveis, cujos precipitados são completamente insolúveis na agua.

Saes de mercurio

Segundo a narração feita pelo sr. dr. Rabuteau, os principaes compostos de mercurio são, entre os insolúveis ou mui pouco solúveis, os seguintes: *bisulfureto*, *bioxydo vermelho*, *amarello* ou *precipitado*, *iodetos verde e vermelho*, *protochloreto*, *protobrometo*. Entre os compostos solúveis citaremos o *bichloreto*, *librometo*, *azotatos mercurioso* e *mercurico*, *sulfatos mercurioso e mercurico*, *cyaneto de mercurio*.

A distincção entre os compostos mercuriaes, solúveis e não solúveis, é feita não só sob o ponto de vista chimico, mas tambem sob o toxicologico. Com effeito, em quanto que os preparados mercuriaes solúveis podem produzir envenenamentos sobreagudos e algumas vezes mortaes, os preparados insolúveis dão logar, geralmente, aos envenenamentos agudos, como se observa depois da administração prolongada do protochloreto e do protoiodeto de mercurio.

O melhor processo de analyse é submeter as fezes, urinas e a saliva, durante a vida do paciente; a bilis, figado e os outros órgãos parenchymatosos, assim como o sangue, depois da morte.

HISTORIA NATURAL

Botanica

Catalogo das plantas medicinaes que habitam
o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 147)

Artorhizae

Dioscoreae R. Br.

Tamus communis. L.

Norça preta.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. desde março a junho.

P. u. as raizes.

Emp. como purgativa e hydragoga; tambem se tem recommendado como diuretica e emmenagoga¹. Pouco usada.

Eusatae

Irideae R. Br.

Iris foetidissima. L.

Lirio fetido.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. os rhizomas e sementes.

Emp. no tratamento das escrophulas e hydropisia, e concede-se-lhe acção estimulante, hydragoga, diuretica e purgativa. Pouco usado.

Iris pseudo-acorus. L.

(I. palustris. Mnch.; I. lutea. Lam.)

Acoro bastardo. Lirio dos charcos.

Hab. nos campos do Mondego e do Tejo, Coima, e em outros pontos do paiz.

¹ O povo reputa resolutiva a raiz d'esta planta, e por isso faz d'ella cataplasmas para collocar sobre as contusões e ecchymoses. (Mat. Med. do dr. Beirão.)

Flor. de maio a julho.

P. u. os rhizomas e sementes.

Emp. os rhizomas para combater as escrophulas (Blair.) como tonico, astringente, purgativo e diuretico (Plater.) vermifugo (Ettmuller) as sementes como febrifugas (Guyton de Morveaux.) Pouco usado.

Iris germanica. L.

Lirio de Allemanha, Lirio dos jardins.

Planta originaria da Europa central e meridional e da Africa boreal. Em Portugal cultiva-se nos jardins, e encontra-se muitas vezes como planta substonaca.

Flor. de maio a julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o macerato dos rhizomas recentes obra como purgativo; o dos seccos como aperitivo. Tambem dos rhizomas se fazem as espheras ou contas dos fonticulos. Os pós usam-se como dentifricios ¹. Pouco usado ².

Crocus sativus. L.

Açafrão.

Planta originaria do Oriente e cultivada em alguns pontos do nosso paiz ³.

Flor. no outomno.

¹ Esta planta póde usar-se na fal a do *Lirio florentino*. (*Iris florentina*. L.)

² O dr. J. J. de Figueiredo diz que o *Iris subiflora*. Brot. (*Lirio roxo*) e o *Iris sambucina*. L. (*Lirio cardano*) tambem são empregados em medicina.

³ Em Portugal habitam o *Crocus autumnalis*. Brot. (*C. serotinus* Salisb.) Açafrão bravo, o *Crocus vernus*. All. (*C. sativus* β *vernus*. L.) Açafrão da primavera, o *Crocus nodiflorus*. Sm., e o *Crocus carpatanus*. Bss. et Reut. O primeiro e terceiro florescem no outomno, o segundo na primavera e o quarto na primavera e estio. O *C. autumnalis* Brot. encontra-se em Buarcos, Cintra e outros pontos do paiz; o *C. nodiflorus*. Sm. no Porto, Gerez, Cabeceiras de Basto e nas visinhanças de Coimbra em diversos pontos da freguezia de S. Paulo de Frades; e o *C. carpatanus*. Bss. et Reut na Serra da Estrella proximo á Senhora do Desterro.

O dr. Beirão, no seu compendio de Materia Medica, quando trata do *C. sativus*. L., diz n'uma nota o seguinte: «Na nossa Flora temos o *Crocus autumnalis multifidus*. Brot. — *Phytogr.*, tomo II, pag. 40 (*Crocus autumnalis*. Brot. — *Flor. lusit.*, tomo I, pag. 49). Açafrão bravo, que differe muito do verdadeiro açafrão, e é um erro dizerem os nossos historiadores que o ver-

P. u. os estigmas¹.

Emp. como estimulante, emmenagogo e antispasmodico. Em alta dose produz a embriaguez e a congestão cerebral.

Amaryllidaceae R. Br.

Pancreatium maritimum. L.

Açucena do mar.

Hab. nos terrenos arenosos de quasi toda a nossa costa maritima.

Flor. de maio a agosto.

P. u. os bolbos.

Emp. Dioscórides e Plinio, quando tratam do bolbo do *Pancreatium*, descrevem-no como amargo e emetico, recommendam-no contra a hydropisia, e dizem que algumas vezes se tem usado como succedaneo da Cebolla albarrã (*Urginea Scilla*. Sthl.) Pouco usada.

Narcissus Pseudo-narcissus. L.

(*N. major*. Lois. nom Curt.; *N. festalis*. Salisb.; Ajax.

Pseudo-Narcissus. Haw.)

Narcisso trombetta.

Hab. em alguns pontos da Serra da Estrella, visinhanças do Porto, Cabeceiras de Basto, Cintra e cultiva-se nos jardins.

Flor. de março a junho.

P. u. os bollos e flores.

Emp. os bolbos como emeticos e succedaneos da ipecacuanha (*Clusius* e *Deslongchamps*)² como antispasmodicos (*Dufresnoy*): as flores contra a diarrhea e dysenteria (*Deslongchamps*)³. Pouco usado.

dadeiro açafão é frequente em Portugal (dr. Figueiredo, *Flora pharm. e aliment.*, pag. 564).

¹ A *Pharmacopœa Portugueza*, 1876, cita só o açafão bravo, e quando d'elle falla diz o seguinte: «Açafão, *Crocus*, variedade cultivada do *Crocus autumnalis* Mill e Brot. (*Crocus sativus* Allioni), Iridea vivaz, indigena do continente.

² Os estigmas do *C. autumnalis* Brot. substituem os do *C. sativus* L.

³ Efeito comprovado por *Dufresnoy*, *Veillechéze*, *Loiseleur* e *Orfila*. Este ultimo diz que ministrados em dose elevada podem ser nocivos.

⁴ *Morgagni* diz que o oleoleo d'esta planta, applicado em fricções so-

Agave americana. L.

Piteira.

Planta originaria da America meridional, Jamaica e Antilhas e naturalisada no nosso paiz, podendo hoje contal-a no numero das nossas especies indigenas ¹.

Flor. no estio.

P. u. a seiva e as folhas.

Emp. a seiva como laxante, diuretica e emmenagoga; as folhas pisadas e applicadas em fórma de cataplasma sôbre partes dolorosas obram como anodynas ². Pouco usada.

VARIÉDADES

Fructo da falta de policia sanitaria. — Lemos em o n.º 2:946 do *Diario Illustrado* a noticia d'um acontecimento que podia ser fatal e que de certo não haveria tido lugar, se já se tivessem dado as providencias pedidas pela Sociedade pharmaceutica lusitana, na sua representação dirigida ao magistrado superior do districto de Lisboa, em 17 de maio ultimo.

Eis a noticia a que nos referimos:

CASO GRAVE

«Ha poucos dias uma senhora mandou o criado comprar folhas de borragem. O criado foi compral-as a um herbanario. As folhas eram para chá. A senhora ao tomal-o queixou-se de que estava muito amargoso. Passado um quarto de hora, fugia-lhe a luz dos olhos, não tinha movimento nas pernas, prendia-se-lhe a falla, sobrevinha febre, e logo delirio.

bre o ventre, é um abortivo muito conhecido em Italia. (Textidor y Cos — *Flor. Pharm.*)

¹ Esta planta foi introduzida na Europa no anno de 1561.

² Com quanto esta planta fosse transportada para a Europa ha mais de tres seculos, não tem manifestado as propriedades medicas que possui no seu paiz natal.

(Instituto de Coimbra.)

(Continúa)

Extremamente afflicta, a familia mandou chamar o medico, que, ao observar a doente, reconheceu um envenenamento.

Tratando de descobrir a causa que o houvesse produzido, lembrou o chá, que amargava. O medico examinou as folhas que tinham sobejado, e as que estavam no bule em que se fizera o chá, e reconheceu que em vez de serem de borragem eram de bella-dona.

A senhora está felizmente livre de perigo, mas ainda em tratamento e soffrendo muito.

Não seria tempo de prohibir de uma vez para sempre a venda deervas e productos venenosos em outros estabelecimentos que não sejam as pharmacias?

Pois a nossa vida, exposta por todos os lados a perigos inevitaveis, ha de estar ainda em cima arriscada a estes equivocos, que são frequentes, e têm chegado a ser fataes?

Chamamos, pois, a attenção dos sub-delegados e da junta consultiva de saude para estes casos, que são de toda a gravidade.»

SILVA MACHADO.

Exames de pharmacia na Suissa

Pelo sr. C. Mallaina

O conselho federal suizo publicou em 2 de julho d'este anno (1880) um regulamento sôbre os exames de medicos, pharmaceuticos e veterinarios, firmado com as assignaturas do presidente da confederação, Welti, e do chanceller Schiess.

Entre as minuciosas disposições comprehendidas no dito regulamento, determina-se, no art. 1.º, que os exames de pharmaceuticos se verifiquem nas capitães dos cinco cantões onde se ensina pharmacia; segundo o art. 14.º as comissões especiaes para estes exames hão-de constar unicamente de dois a tres membros, quando hajam de intervir no exame de commissarios pharmaceuticos, e até sete membros para o exame profissional.

Desde o art. 52.º até ao 59.º inclusivè comprehendem-se as materias do exame de commissario e de pharmaceutico.

Para optar pelo exame de commissario pharmaceutico, exige-se dos candidatos que justifiquem acharem-se habilitados com os estudos preparatorios por meio de uma certidão de exame da penultima classe de um collegio superior, ou da classe superior de um collegio real (escola industrial); a dita certidão, com respeito aos programmas de aptidão insertos no appendice ao regulamento, ha-de comprehender os estudos da lingua materna e outra nacional Suissa, com as respectivas grammaticas, composição escripta, facilidade de dicção e redacção, além do latim, sua grammatica e syntaxe, traducção de Cesar, Tito-Livio, Ovidio e Virgilio, com o fim de que o candidato possa entender perfeitamente a pharmacopéa suissa. Tambem deverá constar da certidão os conhecimentos de arithmetica e algebra, até ás equações do 2.º grau a uma incognita, logarithmos e suas applicações mais importantes, géometria e trigonometria plana. E quando o candidato (aspirante) não apresentar a dita certidão dos mencionados estabelecimentos, terá de submitter-se a um exame das mesmas materias, que se effectuará ante examinadores competentes.

Outra certidão, passada por um pharmaceutico em exercicio, *provará a pratica de officina de pharmácia por tres annos*, sendo sufficiente dois no caso de que o candidato (aspirante) prove ter feito os seus estudos em um collegio superior litterario.

Com estes preparatorios, se procede ao exame de commissario pharmaceutico, dividido em pratico e oral.

O primeiro comprehende a traducção escripta e oral de dois artigos da pharmacopéa latina suissa; a preparação pelo menos de tres medicamentos, segundo as formulas magistraes; uma manipulação pharmaco-chimica, uma preparação galenica da pharmacopéa suissa, e duas analyses seguras ou infalliveis (*sencillos*) de drogas ou preparados pharmaceuticos officinaes.

O exame oral estende-se á botanica systematica e conhecimentos de diferentes plantas medicinaes e uteis; á phy-

sica elementar, á chimica pharmaceutica; ao estudo das substancias pharmaceuticas do commercio; e ás formulas, doses e preparações de medicamentos.

O exame de commissario pharmaceutico deve ser immediato ao tirocinio (aprendizagem).

Os estrangeiros e os suissos, que justifiquem o haver sido approvados em exame equivalente no estrangeiro, podem desempenhar as funcções de commissarios, como os que têm o diploma ou certificado de approvação suisso; mas não têm direito ao exame de pharmaceuticos senão mediante a decisão expressa do conselho (comité) director.

Para ser admittido ao exame profissional de pharmaceutico, o candidato deve provar: que fez exame de commissario pharmaceutico nos termos expressos, ou o equivalente aceite pelo conselho (comité) director; que tem exercido a pharmacia pelo menos um anno debaixo da direcção de um ou mais pharmaceuticos, cujos attestados legalizados tem que apresentar, e que estudou pelo menos quatro semestres completos em uma universidade ou escola especial de pharmacia, e trabalhou durante o mesmo tempo, sem interrupção, no laboratorio d'este estabelecimento.

O exame de pharmaceutico divide-se em pratico, que comprehende o escripto e oral: o primeiro compõe-se dos seguintes pontos: execução de duas preparações de chimica pharmaceutica, com memoria escripta; analyse qualitativa de uma substancia falsificada ou venenosa ou alimenticia com memoria; idem de uma mistura que não contenha mais de seis substancias; analyse quantitativa de uma mistura em peso e em volume com as memorias correspondentes; determinação microscopica de alguns objectos e composição de uma memoria sôbre um assumpto especial de pharmacia, de pharmacologia, ou de chimica applicada, escolhido de tres pontos tirados á sorte. Quatro horas se concede ao candidato, como maximo, para escrever esta memoria.

O exame oral estende-se aos seguintes ramos: botanica, physica, mineralogia, chimica theorica, chimica das prepa-

rações pharmaceuticas (pharmaco-chimica), chimica analytica, comprehende os casos de medicina legal, de hygienia e de policia sanitaria; pharmacologia e pharmacia.

Os estrangeiros tambem estão sujeitos ao commum dos exames, a não ser que o conselho (comitè) director os declare isentos, por entender que gosam de uma alta reputação scientifica, ou por uma pratica de mais de dez annos.

As qualificações que obtêm os examinados são: muito bem, bem, mediano; debil ou limitado é insufficiente, e prescreve a repetição de exame.

O regulamento, cujas principaes disposições, com relação aos pharmaceuticos, temos dado a conhecer, está conforme com as modificações que a assemblea federal introduziu, no 1.º de julho d'este mesmo anno (1880) no projecto do conselho federal, e principiará a reger no 1.º de janeiro de 1881.

Comparando o regulamento suiso com a legislação hespanhola, encontra-se de menos desde logo n'esta a falta de pratica de officina de pharmacia nos programmas de 1868, falta que se tem tratado de sanar recentemente de uma maneira pouco explicita na nova reforma e que devera ser de tres a quatro annos, applicando do modo mais conveniente os preceitos da lei de 1857, e a analyse que prescreve a mesma lei, tambem requerida nos programmas e acceteite unicamente para o doutorado, o que faz com que os licenciados em pharmacia, unicos que possuem laboratório e executam manipulações, sejam excluidos dos reconhecimentos chimico-legaes, nos quaes intervinham os antigos pharmaceuticos, o que redundo agora em prejuizo da prompta administração de justiça e de muitos presuppuestos réos, que eternisam nas cadeias, porque os materiaes submettidos a exame são remettidos com frequencia a grandes distancias, e a sua accumulção contribue para a morosidade lamentavel dos processos, do que poderia citar exemplos occorridos em diversas comarcas judiciais onde não ha doutores. (El Restaurador Farmaceutico).

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
Balancete do 3.º trimestre de 1880

Receita	Despeza
Saldo em cofre em 1 de julho de 1880	Impressão do jornal
Quotas dos membros contribuintes	Analyses toxicologicas
Diplomas	Compra de livros para a bibliotheca
Analyses toxicologicas	Illuminação
Assignaturas do jornal	Contribuição de renda de casa
	Seguro de mobilia e utensilios
	Gratificação do escripturario
	Ordenado do continuo
	Porte de jornaes e correspondencia
	Compra de livros e impressos e outras despezas d'expediente
	Despezas extraordinarias
	Diversas despezas
	Saldo para o 4.º trimestre de 1880
315\$360	315\$360

Secretaria da sociedade pharmaceutica lusitana, 30 de setembro de 1880.

O primeiro secretario,

Antonio Augusto Felix Ferreira.

O thesoureiro,

João Francisco Delicioso.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 11 DE JUNHO DE 1881

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte**Correspondencia**

Officios:—1.º Do sr. João Diniz Simões.—Inteirada.

2.º Do mesmo senhor, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

3.º Do sr. Casimiro Mourato, accusando irregularidade na remessa do Jornal.

4.º Do sr. Rodrigo da Silva Carvalho, pedindo para ser eliminado do quadro dos socios.

Officiou-se-lhe, para que desistisse do seu intento.

5.º Da Smithsonian Institution, pedindo um exemplar da Pharmacopêa Portugueza.—Foi-lhe enviado.

6.º Do sr. Rebello Gamboa, participando que enviava pelo vapor Benguella uns oleos para serem analysados no laboratorio da Sociedade. Estes oleos não foram até hoje entregues.

7.º Do sr. Rego de Carvalho, agradecendo a sua nomeação de socio.—Inteirada.

8.º Circular da Associação dos Jornalistas, convidando a Sociedade a fazer-se representar no congresso das associações.

9.º Da Procuradoria Regia, pedindo o laboratorio para cinco analyses.—Concedido.

O sr. *Assumpção* pediu, que a Sociedade empregasse todos os esforços afim de obter do governo a prohibição de despacho dos medicamentos secretos importados do estrangeiro. Julga esse o unico meio de evitar a concorrência

feita livremente pelas drogarias ás pharmacias, que os não podem vender.

Parece-lhe occasião opportuna de pedir isto ao governo, visto pensar-se agora em fazer um novo tratado de commercio com a França.

Usou da palavra o sr. Jara, que fez algumas referencias a pharmacias, que se acham abertas illegalmente, e concluiu por pedir á mesa a sua maxima sollicitude para a repressão d'esses abusos, que se realisam em toda Lisboa e em todo o reino com grave risco da saude publica.

Ainda usou da palavra o sr. Delicioso, que exprobrou a indifferença das auctoridades para tão importante assumpto, mostrando a incompatibilidade das leis de saude com as leis de fazenda; pois que sendo prohibida por aquellas a entrada no paiz de productos pharmaceuticos secretos, entram ao abrigo d'estas; na alfandega, onde são despachados com a minima vigilancia e livremente.

O sr. *Lima* pede providencias á Sociedade contra o modo como é feita em Lisboa a policia pharmaceutica.

O sr. *S. Machado* diz que a mesa tem empregado todos os meios para chamar a attenção da auctoridade superior do districto de Lisboa, para os abusos, de que os pharmaceuticos são victimas; e lê a representação, que foi dirigida ao sr. governador civil.

Fallam sobre este assumpto o sr. Assumpção e Tedeschi, que pediu que a mesa fosse pessoalmente fallar ao sr. governador civil.—Assim se resolveu.

O sr. *presidente* disse, que na proxima sessão apresentaria o projecto de representação ao governo sobre o tratado de commercio, na parte relativa á importação de medicamentos de formula secreta.

Ordem do dia

Tiveram primeira leitura uma proposta para membro effectivo e outra para correspondente.

Foi lida e approvada uma proposta do sr. Tedeschi para

ser inserto no Jornal um artigo do Restaurador pharmaceutico, de Barcellona.

Tiveram primeira leitura tres propostas para socios honorarios.

Foi unanimemente eleito, e em seguida proclamado socio benemerito, o sr. Antonio Augusto Felix Ferreira.

Foi eleito e proclamado socio correspondente o sr. Francisco Antonio Serra.

O sr. *presidente* participou, que tinha representado a Sociedade no congresso das associações.

Tiveram segunda leitura dois pareceres da commissão de chimica sobre os preparados do sr. Thomaz d'Aquino Alves, ficando para a sessão seguinte a leitura de outro parecer ácerca dos mesmos preparados.

Por não haver mais de que tratar, o sr. presidente encerrou a sessão. Eram 10 horas da noite.—O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

SESSÃO DE 5 DE JULHO DE 1880

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte

Correspondencia

Officios:—1.º Do sr. E. Ferrand, de Paris, offerecendo um exemplar da sua obra intitulada *«Premiers secours aux empoisonnés, aux noyés, etc.»*—Recebida com agrado.

2.º Do sr. João P. Leal, de Pico de Regalados, sobre negocio da thesouraria.—Inteirada.

3.º Do sr. Duarte Pereira Dias Ribeiro, de Vianna do Castello, exonerando-se de socio correspondente.—Inteirada.

4.º Do sr. Francisco Antonio Serra, de Portalegre, agradecendo a sua admissão para socio correspondente e sobre negocio da thesouraria.—Inteirada.

5.º Do sr. João Diniz Simões, de Coimbra, sobre negocio da thesouraria e agradecendo os numeros do jornal que lhe foram offerecidos para completar a sua colleção.—Inteirada.

6.º Da Procuradoria Regia, remettendo umas visceras humanas para se proceder a analyse toxicologica.—Inteirada.

Propostas

Teve primeira leitura uma proposta do sr. Antonio Augusto Felix Ferreira, para admissão de um socio effectivo.

Teve primeira leitura uma proposta do sr. José Dionysio Corrêa, para admissão de um socio correspondente.

Segundas leituras

Tiveram segunda leitura tres pareceres da commissão de direito pharmaceutico, que foram unanimemente approvados, sendo em seguida proclamados socios honorarios os ex.^{mos} srs. Emilio Silvestre Dias, engenheiro da companhia do gaz, de Lisboa, proposto pelo sr. Augusto d'Oliveira Abreu, dr. Julio Augusto Henriques, lente de botanica da universidade de Coimbra, e Adolpho Frederico Moller, inspector do jardim botanico de Coimbra, propostos pelo sr. Alfredo da Silva Machado.

Teve segunda leitura e foi approvada uma proposta do sr. Francisco Maria Nogueira, sendo em seguida proclamado socio correspondente o sr. Antonio Dias Pereira da Graça, pharmaceutico estabelecido na ilha do Principe.

Teve segunda leitura e foi approvada uma proposta do sr. José Gomes de Mattos, sendo em seguida proclamado socio effectivo o sr. Emilio Manuel Fragoso, pharmaceutico residente em Lisboa.

Por não haver mais de que tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da sessão seguinte, propostas, pareceres de commissões etc. Eram dez horas da noite.—Pelo segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

PHARMACIA

Clyster contra a gotta

(Fontaine)

Tinctura de colchico.....	6 a 8 gram.
Agua distillada.....	150 »

Misture. É administrado pela via rectal, desde a apparição das dôres da gotta. D'este modo evita-se os effeitos incommodos que resultam, para o estomago e o intestino, do uso interno e muito prolongado dos preparados de colchico.

Collutorio adstringente

(Neuhof)

Sulfato de alumina e de potassa em pó.....	4 gram.
Tinctura de myrrha.....	2 »
Mel rosado.....	60 »

F. s. a. Aconselhado contra a salivacão mercurial e a gengivita ulcerosa. Tres ou quatro applicações por dia com auxilio de um pincel.

Gotas antigastralgicas

(Niemeyer)

Tinctura de noz vomica.....	4 gram.
Tinctura de castoreo.....	4 »

Misture. Doze gotas durante o accesso, em meia chavena de infuso de valeriana. Applicações quentes na cavidade epigastrica.

Linimento contra o prurido

(Bazin)

Agua de cal.....	30 gram.
Glycerina.....	30 »
Oleo de amendoas.....	60 »

Misture. Recommendado para abrandar o prurido do anus, tão frequente na arthrita.

Linimento terebinthinado acetico

(Pharm. ingleza)

Essencia de terebinthina.....	45 gram.
Acido acetico.....	15 »
Camphora.....	3 »
Azeite.....	12 »

F. s. a. Aconselhado como resolutivo, no tratamento do rheumatismo.

Mistura antidyspeptica

(H. Green)

Magnesia alva.....	8 gram.
Rhuibarbo em pó.....	6 »
Tinctura de rhuibarbo.....	25 »
Xarope simples.....	25 »
Agua de hortelã pimenta.....	100 »

F. s. a. Uma colher das de sopa, nas dyspepsias acompanhadas de flatulencias ou de azias.

Pastilhas de longa vida

(Dr. Gallois)

Rhuibarbo em pó.....	3,00 gram.
Magnesia calcinada.....	30,00 »
Bicarbonato de soda.....	3,75 »
Gengibre em pó.....	1,00 »
Canella em pó.....	0,75 »
Assucar branco.....	60,00 »
Mucilagem de gomma alcatira...	q. b.

F. s. a. pastilhas de um gramma cada uma. Tres a seis por dia, para facilitar as digestões e manter o appetite.

Pilulas antiictericas

(Dr. Gallois)

Aloes socotrino.....	} aã 5 gram.
Rhuibarbo em pó.....	
Extracto de saponaria.....	

F. s. a. pilulas de 15 centigrammas. Oito a doze por dia, na ictericia chronica.

Pilulas antirheumatismas

(Porcher)

Sulfato de quinina.....	2,00 gram.
Sulfato de morphina.....	0,50 »

F. s. a. 20 pilulas. Uma ou duas por dia, contra as dôres nervalgicas e rheumatismas.

Pilulas cholagogas

(Gubler)

Aloes socotrino.....	1 gram.
Gomma gutta.....	1 »
Calomelanos por vapôr.....	1 »
Extracto de taraxaco.....	q. b.

F. s. a. 10 pilulas. Prescreve-se uma ou duas por semana, para entreter a liberdade do ventre, nas doenças do figado e do coração.

Pilulas febrifugas

(H. Green)

Acido arsenioso.....	10 centigram.
Sulfato de quinina.....	4 gram.
Conserva de rosas.....	2 »

F. s. a. 30 pilulas. Duas por dia, nas febres intermitentes rebeldes.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Pó absorvente antiacido

(Dr. Gallois)

Subazotato de bismutho.....	25 a 50 centigr.
Magnesia calcinada.....	10 »
Opio em pó.....	3 »

Misture para uma dose, que será ingerida um quarto de hora antes de cada uma das duas principaes refeições, na dyspepsia acida. Agua mineral alcalina misturada com vinho nas comidas.

Pó antidyspeptico

(Bonnet)

Subazotato de bismutho.....	20 gram.
Chlorhydrato de morphina.....	5 a 10 centigr.

Misture exactamente e divida em 20 doses. Administra-se uma dose ao tomar cada uma das duas principaes refeições, em duas colheres de agua com assucar, nos casos de dyspepsia com tendencia á diarrhêa.

Pó expectorante

(Albers)

Enxôfre dourado de antimonio..	0,20 gram.
Ipecacuanha em pó.....	0,40 »
Assucar de leite em pó.....	2,00 »

Misture e divida em 8 doses. Uma todas as duas horas, ás creanças que tossirem em seguida ao sarampo. Revulsivos repetidos sobre o peito.

Poção calmante

(Graves)

Tartaro emetico.....	0,12 gram.
Camphora.....	0,90 »
Almiscoar.....	2,60 »

Mucilagem de gomma arabica...	16,00 gram.
Xarope de dormideiras.....	32,00 »
Agua.....	110,00 »

F. s. a. Para ser administrada ás colhêres, das de so-
pa, de duas em duas horas, contra os sôbresaltos de ten-
dões e os accidentes cerebraes que acompanham a febre ty-
phosa grave.

Poção contra a salivação mercurial

(Kluge)

Iodo	20 centigram.
Alcool.....	8 gram.

Solva e ajunte:

Agua de canella.....	80 gram.
Xarope simples	16 »

Para tomar uma colhêr immediatamente e mais tarde ou-
tra, quatro vezes por dia, para combater a salivação mer-
curial.

Poção diaphoretica

(Dr. Gallois)

Acetato de ammonia.....	15 gram.
Agua de flôr de lorangeira.....	30 »
Infuso de tilia.....	120 »
Xarope das cinco raizes.....	60 »

Misture. Para ser dado ás colhêres, de hora a hora, para
revoçar a erupção subitamente recolhida, a escarlatina por
exempló. Para tisana o infuso de flôr de sabugueiro.

Poção ferruginosa

(Trousseau)

Tartarato de potassa e de ferro.	4 a 8 gram.
Acido tartarico.....	0,20 »

Agua distillada.....	100,00 gram.
Agua de canella.....	20,00 »
Xarope de balsamo de Tolú....	30,00 »

F. s. a. Administra-se ás colhêres das de sopa, de hora a hora, no caso de purpura hemorrhagica, de variola hemorrhagica, de cancro phagedenico e de gangrena.

Poção iodada

(Bogros)

Iodeto de potassio.....	4 gram.
Tinctura de dedaleira.....	2 »
Agua de tilia.....	150 »
Xarope de morphina.....	32 »

F. s. a. Para ser dada ás colhêres, de tres a tres horas, no rheumatismo articular agudo.

Pomada antirheumatismal

(Guèneau de Mussy)

Extracto de belladona.....	4 gram.
Extracto de meimendro.....	6 »
Extracto de opio.....	2 »
Banha preparada.....	50 »

F. s. a. Fricções tres ou quatro vezes por dia, sôbre as articulações dolorosas, no caso de rheumatismo articular agudo.

J. D. CORRÊA.

HISTORIA NATURAL

Botanica

Catalogo das plantas medicinaes que habitam
o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 463)

Gynandreae.

Orchideae. R. Br.

Em Portugal habita um numero consideravel de especies de orchideas terrestres, cujos tuberculos tem composição e acção medicamentosa muito analoga, podendo da maior parte d'elles extrahir-se o salepo, que é excellente peitoral e analeptico.

Citaremos as especies que habitam no nosso paiz e vem mencionadas no *Prodromus Florae Hispanicae*, de M. Wilkomm e J. Lange, com as addições que julgamos convenientes.

Orchis papilionacea. L.¹

(O. rubra. Jacqu. O. papilionacea-rubra. Brot.)

Herva borboleta.

Hab. na Serra da Arrabida, Azeitão, em Elvas, junto do Forte da Graça, e em outros pontos da nossa provincia do Alemtejo.

Flor. na primavera.

Orchis morio. L.²

Hab. proximo a Cabeceiras de Basto, e em outros pontos do Minho, Trás-os-Montes, Douro, e na Extremadura ao sul do Tejo.

¹ Variedades α . *Parviflora*. β . *Grandiflorum*. Bss.² Variedades α . *Vulgaris*,

β . *Picta*. Rehb. fl. (O. picta. Lois.) Esta planta habita nas visinhanças de Azeitão e Serras de Arrabida e de Monchique. Ha tres annos foi encontrado na primavera um exemplar d'esta orchidea nas proximidades de Coimbra, nos montes de Santa Clara, pelos estudantes de botanica, Augusto Arthur Teixeira d'Almeida e Antonio Manuel da Costa Lereño, n'uma das suas excursões botanicas.

Flor. de março a junho.

Orchis coriophora. L.¹

(*O. coriophora-symphypetala*. Brot.)

Herva porsobeja.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, em Cintra e na Serra de Monsanto.

Flor. em maio.

Orchis tridentata. Scop.

(*O. acuminata*. Desf.; *O. lactea*. Poir.; *O. globosa*. Brot. non L.; *O. Hanrii*. Jord.)

Hab. nas visinhanças de Bellas, Cintra, e em muitos outros pontos da Extremadura.

Flor. na primavera e principios do estio.

Orchis simia. Lam.

(*O. militaris*. L.; *O. tephrosanthos*. Vill.; *O. italica*. Poir.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em muitos pontos da Beira.

Flor. de fevereiro a abril.

Orchis militaris. L.

(*O. Rivini*. Gou.; *O. galeata*. Lam.; *O. tephrosanthos* β. Lois.; *O. cinera*. Schrk.)

Hab. nos mesmos sitios que a especie antecedente.

Flor. de fevereiro a maio.

Orchis Longicruris. Lk. e Brot.)

O. militaris. Poir.; *O. tephrosanthos*. Desf.; non Vill.; *O. undulatifolia*. Biv.; *O. tephros* β. *undulatifolia*. Wbb.)

Flor dos rapazinhos ou dos macaquinhos dependurados.

Hab. nas visinhanças de Lisboa, Cintra, Torres-Vedras, e em muitos outros pontos da Extremadura e Beira.

Flor. na primavera.

Orchis mascula. L.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bussaco, e em quasi toda a Beira; assim como na Serra de Rebordão, proxima a Bragança.

¹ Variedades β. *Polliniana*. Rehb. fl., γ *Carpelana*. Wk.

Flor. de abril a junho.

Orchis laxiflora ¹. Lam.

(*O. ensifolia* Vill.; *O. Tabernaemontani*. Gmel.)

Hab. no Cabeço de S. Bartholomeu, proximo a Bragança.

Flor. em maio e junho.

Orchis sambucina. L.

(*O. saccata*. Rehb.; *O. incarnata*. Hall.)

Hab. proximo da Torre de Moncorvo, e em todo o resto da provincia de Trás-os-Montes.

Flor. de abril a junho.

Orchis pseudosambucina. Ten.

(*O. flavescens*. Koch.)

Hab. na Serra de Rebordão, proxima a Bragança.

Flor. em maio e junho.

Orchis incarnata. L. β . *sesquipedalis* genuina. Rehb. fil.

(*O. latifolia*. Lk.; *O. sesquipedalis*. Willd.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Cintra, e em alguns pontos da Beira.

Flor. de maio a junho.

Orchis maculata. L.

Hab. proximo a Miranda, Gerez, e em outros pontos na parte septentrional do paiz.

Flor. na primavera.

Orchis bifolia. L.

(*O. alba*. Lamk.; *Plantanthera bifolia*. Rich.; *Plat. solstitialis*. Bönng.)

Hab. nas proximidades de Cabeceiras de Basto, Villa-Real e Bragança.

Flor. em maio e junho.

Orchis cordata. Willd.

(*Satyrium diphyllum*. Lk.; *Habenaria cordata*. R. Br.; *Herminium cordatum*. Lindl.; *Gymnadenia diphylla*. Lk.; *Peristylus cordata*. Lindl.; *Platanthera diphylla*. Rehb. fil.)

Hab. nas visinhanças de Azeitão, e em muitos pontos da Serra da Arrabida.

¹ Variedade β . *longibracteata*.

Flor. na primavera.

Anacamptis pyramidalis. Rich.

(*Aceras pyramidalis*. Rchb. fil.; *Orchis pyramidalis*. L.; *O. condensata*. Desf.)

Satyrião menor.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bellas, Cintra, Cascaes, e em outros pontos do paiz.

Flor. de abril a julho.

Aceras anthropophora. R. Br.

Ophrys anthropophora. L.; *O. anthropomorpha*. W.; *Loglossum anthropophora*. Rich.; *Himantoglossum anthropophora*. Spr.)

Homem enforcado.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bellas, Cintra, Azeitão, e em outros pontos do paiz.

Flor. de março a junho.

Aceras densiflora. Bss.

(*Aceras intacta*. Rchb. fil.; *A. secundiflora*. Lindl.; *Satyrion maculatum*. Desf.; *S. densiflorum*. Brot.; *Orchis intacta*. Lk.; *O. atlantica*. W.; *Himantoglossum secundiflorum*. Rchb.; *Ophrys densiflora*. Desf.; *Peristylus densiflorus et maculatus*. Lindl.)

Hab. nos montes de Santa Clara, nas visinhanças de Coimbra, e na Serra da Arrabida.

Flor. em maio.

Aceras longebracteata. Rchb. fil.

(*Orchis longebracteata*. Biv.; *O. fragrans*. Ten. non. Poll.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Torres-Vedras, e em outros pontos do paiz.

Flor. em fevereiro e março.

Serapias cordigera. L.

(*Helleborine cordigera*. Seb. e Maur.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, nos terrenos proximos á estação da Granja, em Ourentam, e n'alguns pontos da Beira; assim como na Extremadura ao sul do Tejo.

Flor. de abril a junho.

Serapias occultata. Gay.

(*S. laxiflora*. Rchb.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em outros pontos do paiz.

Flor. em maio.

Serapias lingua. L.

(*S. glabra* Lap.; *Helleborine Lingua*. P.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Ourentam, e em quasi toda a Beira; assim como em Loires, proximo a Lisboa.

Flor. na primavera.

Ophrys aranifera. Huds.

(*O. aranifera* et *Pseudospeculum*. D. C.)

Hab. a parte meridional do paiz.

Flor. de abril a junho.

Ophrys tenthredinifera. Willd.

(*O. Arachnites*. Lk.; *O. insectifera* α *rosea*. Desf.)

Hab. nos montes de Santa Clara, nas visinhanças de Coimbra, Moinho do Almoxarife, Cintra, Serra da Arrabida, Lisboa, e em quasi toda a Extremadura.

Flor. de fevereiro a abril.

Ophrys arachnites. Reichh.

(*O. fuciflora* e *brachyotus*. Rchb.; *Orchis insectifera arachnites*. L.)

Herva aranha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz. (Brot.)

Flor. na primavera.

Ophrys apifera. Huds.

(*O. insectifera*. L. ex. p.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Ourentam, Cintra e Serra da Arrabida.

Flor. em maio e junho.

¹ Variedades α . Genuina. Rchb. fl., β . Atrata. Rchb.

Ophrys scolopax. Cav. non. Brot. α . *picta* Rehb.

(*O. picta* Lk.; *O. corniculata*. Brot.; *O. insectifera* *api-formis*. Desf.)

Hab. nos montes de Santa Clara, nas visinhanças de Coimbra, Cintra, Serra da Arrabida, e em muitos outros pontos da Extremadura.

Flor. em abril e maio.

Ophrys bombyliflora. Lk.

(*O. insectifera* β *biflora*. Desf.; *O. tabanifera*. W.; *O. labrofossa*. Brot.)

Hab. nos montes de Santa Clara, nas visinhanças de Coimbra, na Serra do Monsanto, e nos arredores de Lisboa.

Flor. de fevereiro a abril.

Ophrys speculum. Lk.

(*O. insectifera* δ . L.; *O. Myodes* δ . Poir.; *O. scolopax* e *vernixia*. Brot.)

Herva abelha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em muitos pontos da Beira.

Flor. em abril e maio.

Ophrys fusca. Lk.

(*O. insectifera* γ . L.; *O. laetea*. Biv. non. Cav. *O. myodes*. Lap. non. L.)

Moscardo fusco.

Hab. em Cintra, Lisboa, Serra da Arrabida, e em muitos outros pontos da Extremadura; é rara nas visinhanças de Coimbra.

Flor. na primavera.

Ophrys lutea. Cav.

(*O. insectifera* α . L.; *O. vespifera* Brot.; *O. fusca*. Ten. non. Lk.)

Herva vespa.

Hab. nos montes de Santa Clara, nas visinhanças de Coimbra, Moinho do Almoxarife, Cintra, Lisboa, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de fevereiro a abril.

Neottia nidus avis. Rich. ¹

(*Ophrys nidus avis.* L.; *Epipactis nidus avis.* Crtz.; *Listera nidus avis* Hook.)

Hab. no Bussaco.

Flor. em maio e junho. Parasita. ²

Epipactis helleborine. Crtz. ³

(*E. latifolia.* All.; *Serapias helleborine* α . *latifolia.* L.)

Helleborinha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em quasi toda a Beira.

Flor. de maio a julho.

(*Instituto de Coimbra.*)

(Continúa.)

¹ Esta planta foi, ha poucos annos, encontrada pela primeira vez em Portugal pelo sr. dr. Julio Augusto Henriques na matta do Bussaco.

² As raizes d'esta orchidea abreviam a cicatrização das feridas, e, segundo Lémery, são tambem resolutivas.

³ Variedades α . *microphylla.* Rchb. fl., β . *rubiginosa.* Crtz.

NECROLOGIA

FELIX FERREIRA

A ampulheta da vida marcou no dia 9 do corrente o termo d'uma existencia por muitos titulos preciosa — quando contava apenas 42 annos de idade, baqueou ao sópro implacavel da morte o nosso collega e dignissimo consocio benemerito o sr. Antonio Augusto Felix Ferreira, victima d'uma dolorosissima doença que o torturou durante oito mezes, deixando inconsolaveis esposa, filhos e amigos.

Intelligencia, illustração, actividade, honradez e amor de classe eram qualidades que o nosso mallogrado consocio possuia em elevado gráo, e que poz, em quanto a saude lh'o permittiu, á disposição dos interesses profissionaes da classe pharmaceutica que honrava.

A sociedade pharmaceutica lusitana, da qual este

prestante pharmaceutico exerceu varios cargos por muitos annos, deve-lhe relevantissimos serviços e rara dedicação, que hão de ser perpetuamente memorados pelos seus consocios.

O funeral realisou-se no dia 11 ás onze e meia horas da manhã e o prestito compunha-se da quasi totalidade dos socios effectivos da sociedade pharmaceutica lusitana e de muitos outros amigos que quizeram assim manifestar a estima e saudade que por elle sentiam.

Pegaram ás bôrlas do caixão, que foi coberto com a bandeira da sociedade, os membros da mesa e os srs. Claudino Leitão, dr. Xavier da Cunha, Urbano da Veiga e Santos Viegas.

O sr. João José de Sousa Telles, presidente da sociedade pharmaceutica, proferiu á beira da sepultura o seguinte discurso:

Meus senhores. — Faz hoje oito dias levantei eu a minha debil voz no cemiterio occidental d'esta cidade perante milhares de pessoas, que ali tinham ido celebrar a apothéose de um obreiro infatigavel da civilisação.

A cerimonia, que ali se realisou não foi um funeral, foi uma consagração.

Se a saudade arrancava ainda lagrimas de muitos olhos e suspiros de muitos corações, havia tambem ali hymnos festivaes corôas de louro, e de rosas, ramalhetes alegres, bandeiras e estandartes, sem signal de lucto.

Vieira da Silva tinha exhalado o ultimo suspiro havia treze annos, e desde aquelle dia, em que Lisboa consternada soltou um gemido dolorosissimo e acompanhôu silenciosa e mesta o grande apostolo da associação até á humilde jazida, a opinião publica, mitigada a dôr, e asserenadas as paixões, que os tribunos denodados incitam e exaltam sempre em torno de si, conferira-lhe o glorioso e nobilissimo titulo de benemerito da patria.

Hoje, aqui, no cemiterio oriental, êrgo outra vez a voz, perante um auditorio não tão numeroso, mas igualmente respeitavel, auditorio composto de cava-lheiros, que a amisade, o reconhecimento, e a confr-

ternidade profissional impelliram a vir prestar a ultima homenagem a um dos homens mais perfeitos, que tenho conhecido, e cujo nome abençoado, ha de ser repetido com profundo acatamento por nós, por nossos filhos, e pelos filhos de nossos filhos, todas as vezes, que fôr mister apontar um modelo de virtudes, uma bella intelligencia cultivada e engrandecida pelo estudo incessante, uma actividade prodigiosa posta sempre ao serviço da communitade, um amor de classe revelado em todas as suas palavras, em todas as suas obras, em todas as suas generosas aspirações; mas sem a mais pequena sombra de exclusivismo egoista, do qual tantas vezes brotam odios e discordias entre os gremios, que mais unidos devem estar e mais estreitamente ligados pelos laços da amizade e da sciencia.

Quizera poder dizer-vos n'este momento quanta nobresa havia no character de Antonio Augusto Felix Ferreira; como elle sabia temperar a mais severa rigidez no cumprimento de suas obrigações com a mais encantadora e meiga delicadesa; como elle amava e respeitava seus paes; de quantos carinhos e desvellos cercava a esposa e os filhos; os serviços relevantissimos, que prestou á classe pharmaceutica, cujo decoro e engrandecimento o preocupavam dia e noite; a assiduidade, com que durante muitos annos se dedicou a melhorar as condições da sociedade pharmaceutica lusitana, uma das mais antigas e mais prestantes sociedades de Portugal, conseguindo, sem a minima ambição, antes com raro e exemplar desinteresse, e sem jámais solicitar o favor de seus confrades, que estes o elevassem á categoria de benemerito; e merecendo sem injustiça, que o seu nome fosse para toda a familia pharmaceutica tão venerando, tão auspicioso e tão sympathico, como os de José Vicente Leitão, Antonio de Carvalho, Rodrigues d'Oliveira, Henrique José de Sousa Telles, José Tedeschi, Dionysio Corrêa, Urbano da Veiga, Francisco Bernardo dos Santos e Pedro José da Silva.

Quizera, meus senhores, poder apresentar-vos exemplos d'uma qualidade, que em Felix Ferreira sobre-

excedia a todas as outras, e na qual, por ventura, estava o segredo, e quasi magia, com que elle enleivava e attraia irresistivelmente quantos o tratavam.

Essa qualidade era a honradez, a pureza immaculada da sua vida publica e particular; a honestidade, tamanha, tão perfeita, tão excepcional, que bem poderia, sem hyperbole, symbolisal-a com a candura do arminho.

Mas, é cedo ainda para aquilatar os peregrinos dozes do nosso amigo e collega.

É cedo ainda, não porque se possam levantar duvidas em louval-o, e bemdizel-o; mas por que ainda o estamos a ver martyrisado por uma crudelissima enfermidade; olhando sem esperanza de poder continuar a conviver com elles, para a esposa virtuosa, e para os filhos queridos, que antevia seriam a consolação de sua velhice.

Ainda estamos a contemplar aquella interminavel agonia; o cair das trevas da morte, e o occaso prematuro d'um astro, que nos parecia não ter percorrido ainda metade do seu curso.

Ouvimos d'aqui os gemidos de sua mãe, de sua consorte e de seus filhos.

O lucto d'estes, tomamol-o nós tambem. Aquelle cedro frondoso e virente, baqueando por terra, tão inesperadamente, molestou de tal sorte nossos corações, que só podemos gemer e chorar.

Chorar, repito, que as lagrimas não envergonham, quando caem sobre o feretro de um collega, de um amigo, de um desventurado, de um verdadeiro homem de bem.

Quando o tempo, que tudo cura, tiver mitigado a nossa dor, então a razão desassombrada escreverá, o elogio d'aquelle com quem nos parece, que estamos ainda a conversar; então o lucto converter-se-ha em gala; as nenias em hymnos de jubilo; e em vez de saudades e goivos, viremos offertar ao que soube honrar a familia, a classe, a patria e a humanidade, corôas de louro e grinaldas de açucenas e violetas, que dirão na sua linguagem symbolica: valor, pureza e modestia.

PEÇAS OFFICIAES

Consulta da sociedade pharmaceutica lusitana ácerca de uma amostra de sulfato de quinina que lhe foi enviada pelos srs. Creswell & C.^a, representantes em Lisboa da fabrica lombarda de productos chimicos em Milão.

A sociedade pharmaceutica lusitana, satisfazendo ao pedido que lhe fizeram os srs. Creswell & C.^a, representantes em Lisboa da fabrica lombarda de productos chimicos em Milão, para a mesma sociedade mandar proceder á analyse de uma amostra de sulfato de quinina produzido n'aquella fabrica e dar-lhes o respectivo parecer, mandou ouvir a commissão de chimica, a qual apresentou, em sessão litteraria de 13 de agosto do anno corrente, o seu parecer, que foi discutido e approvedo, declarando que o referido sal de quinina é de boa qualidade e não está falsificado, em vista dos seguintes caracteres que lhe notou — *Crystallino, insolúvel na agua, soluvel na agua adicionada de algumas gottas de acido sulfurico, dando um soluto limpido com reflexo azulado; perdeu pelo aquecimento na estufa 9,8 por cento do seu peso; tratado pelo ether e ammoniaco dissolveu-se completamente, ficando os dois liquidos separados pela differença de densidade, mas perfeitamente limpidos; um gramma do sulfato dissolvido em 15 grammas de chloroformio e alcool absoluto deixar pela evaporação um residuo crystallino.*

Em virtude do que se mandou passar a presente consulta, que vae assignada pela mesa e timbrada com o emblema de que usámos.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, 2 de setembro de 1881 (assignados) — O presidente, *João José de Sousa Telles* — O primeiro secretario, *Alfredo da Silva Machado* — O segundo secretario, *José Gomes de Mattos.*

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 13 DE AGOSTO DE 1881

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte**Correspondencia**

Officios: 1.º Do sr. Marques da Silva, propondo á Sociedade uns quesitos sobre a limonada de citrato de magnesia.

2.º Do sr. dr. Julio Henriques, agradecendo a sua nomeação de socio honorario.—Inteirada.

3.º Do sr. Adolpho Moller, com identico fim.—Inteirada.

4.º Do sr. Emilio Dias, agradecendo a sua nomeação de socio honorario e offerecendo os seus serviços para analyse chymicas.—Inteirada.

5.º Do presidente da commissão executiva da exposição d'arte ornamental, enviando o programma e pedindo que no nosso jornal se faça propaganda a favor d'esta idéa.—Inteirada.

6.º Do secretario da Smithsonian Institution, accusando a recepção da Pharmacopéa, dos Estatutos e dos numeros do jornal, que a Sociedade lhe enviou.

7.º Do sr. Martins Pereira, da Merceana, annuindo ao convite do sr. primeiro secretario ser proposto socio. Fez a proposta o sr. Silva Machado.

8.º Da Procuradoria Regia, pedindo o laboratorio, para se fazer a analyse d'umas visceras.—Concedido.

9.º Do sr. Emilio Frago, agradecendo a sua nomeação de socio effectivo.—Inteirada.

10.º Do sr. Santa Clara, de Paião, participando que continua a ser socio até terminar a assignatura do jornal.—Inteirada.

11.º Do sr. Pina, de Portalegre, desistindo do seu pedido para ser excluido de socio.—Recebido com agrado.

12.º Do sr. Timotheo da Trindade, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

13.º Do presidente da commissão encarregada de levar a effeito a conclusão do jazigo e a trasladação dos restos mortaes de Vieira da Silva, convidando a Sociedade a fazer-se representar n'aquella solemnidade.—Inteirada.

14.º Do agente da fabrica Lombarda de productos chemicos, de Milão, enviando um frasco com sulphato de quinina e pedindo para ser analysado no laboratorio da Sociedade.—Inteirada.

O sr. *presidente* chamou a attenção da Sociedade para o officio, que trata da exposição de arte ornamental e disse que, com quanto este assumpto não tivesse relação directa com o objecto da nossa Sociedade, lhe parecia conveniente satisfazer o pedido da commissão.

Resolveu-se publicar um artigo relativo á exposição e transcrever o programma no jornal.

O sr. *presidente* desejou saber, se a Sociedade queria associar-se á manifestação feita em honra de Vieira da Silva.

A Sociedade respondeu affirmativamente e resolveu, que nas proximidades do dia 4 se enviassem circulares a todos os socios pedindo-lhes para comparecerem no cemiterio occidental á hora designada nos programmas.

Ordem do dia

Tiveram primeira leitura duas propostas para socios effectivos, uma para socio correspondente, um parecer da commissão de chimica sobre o sulphato de quinina, e da commissão de pharmacia sobre a limonada de citrato de magnesia e ainda outra proposta dos socios E. Fragoso e G. Mattos para a creação d'um curso de pharmacia nas salas da Sociedade.

Foram eleitos e proclamados: socio effectivo o sr. Francisco José Malato, de Lisboa, e correspondente o sr. Alexandre Augusto de Araujo, da Povia de Varzim.

Foi eleita a commissão de exame de contas.

Por não haver mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, eram dez horas da noite.—O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

SAUDE PUBLICA

Efeitos da ingestão do pão bolorento nos animaes e nos homens

Pelo sr. Mégnin

N'um destacamento de cavallaria, de guarnição em Oran (Algérie), fez-se a distribuição do pão de munição aos homens; este pão, apenas com quarenta e oito horas de manufacturado, estava coberto de vegetações cryptogamicas escuras e alaranjadas; alguns dos cavalleiros recusaram comê-lo, outros deram-o a seus cavallos que gostaram. A consequencia d'esta ingestão foi produzir-se um envenenamento, não seguido de morte, mas com resultados graves em um dos cavallos.

Estes factos relatados pelo sr. Mégnin não são os primeiros que a sciencia tem registrado, a que o homem e os animaes estão sujeitos; este auctor occupa-se de estudar as substancias que se desinvolem sôbre as amostras de pão de munição enviado de Oran, ás quaes tem encontrado duas especies de holor: uma formando camada floccosa côr de ferrugem, o *Ascophora nigricans*, o antigo *Rhizopus* de Erenberg; a outra produzindo manchas côr de salmão, a qual é o *Oidium aurantiacum*.

Em 1771, Poggiale descobriu que, sôbre o pão de munição e segundo a sua frescura, os esporulos d'este cogumêlo preexistem na farinha. O sr. Mégnin confirma a descoberta do sr. Poggiale, pelas zônas que estes bolores produzem na espessura do mesmo pão, submettido ao seu exame, e á alteração que soffre durante o fabrico.

O sr. Mégnin tem cultivado o *Ascophora nigricans* e o

Oidium aurantiacum sobre o pão de munição recente e obtido vegetações abundantes, que têm sido experimentadas nos cães; os seus effeitos são muito mais violentos com o *Ascophora* que com o *Oidium*.

(*Revue d'hygiène.*)

Pesquisa do alumen na farinha e no pão

O pão que contém alumen, pôsto em contacto com decocto recente do lenho de campeche, produz coloração azul-cinzenta, e Hadow obteve esta reacção depois de muito tempo para reconhecer a falsificação. O sr. Hassall (*Food, its adulterations and the methods for their detection*. London, 1876, pag. 356), sustenta que este methodo é incerto e pode conduzir a erros; mas o sr. Stoddart attribue estes maus exitos ao emprêgo do lenho alterado.

O sr. Young affirma que o methodo referido tem-lhe dado egualmente resultados constantes e que pode ser empregado na farinha, sendo sufficiente fazer com agua massa liquida e ajuntar-lhe em seguida tinctura ammoniacal de campeche. A farinha que possuir, para quatro libras inglezas, cinco grãos de alumen somente adquire a coloração azul-cinzenta, que persiste durante oito dias, em quanto que a farinha pura só é córada mui ligeiramente.

O sr. Dupré isola o alumen existente, agitando em um funil com torneira 100 grammas da farinha suspeita, em 300 a 500 centímetros cubicos de chloroformio; depois do repouso a farinha occupa a superficie, em quanto que as falsificações mineraes precipitam-se e podem ser isoladas pela decantação e filtração. Os fragmentos do alumen podem ser reconhecidos directamente pelo exame microscopico d'este precipitado, ou ainda solver este ultimo na agua e procurar no soluto o acido sulfurico e a ammonia do alumen ammoniacal formado.

A alumina é geralmente retida na parte insolúvel e, para

a encontrar, é necessario dissolvê-la no acido chlorhydrico. Empregando-se certas precauções pode-se, com auxilio do chloroformio, isolar quasi na sua totalidade o alumen contido na farinha.

O sr. Welborn reduz a farinha ou o pão suspeito a massa liquida, adicionada de pequena quantidade de acido chlorhydrico, e submete-a á dialyse; passadas vinte e quatro horas a agua exterior contém a alumina e o acido sulfurico.

(*J. de pharm. et de chim. de Paris.*)

J. D. CORRÊA.

PHARMACIA

Peptonas mercuricas

Com a denominação de peptonatos de mercurio, têm prescripto, ultimamente, os medicos francezes, solutos de bi-chloreto de mercurio adicionados de chloreto de sodio e de peptonas, em tal proporção que algumas propriedades dos saes de mercurio ficam ahí dissimuladas. Assim, estes solutos não precipitam pelos alcalis e mostram possuir todas as boas condições para uma rapida absorpção. E o chloreto mercurico, achando-se combinado com uma substancia albuminoide, não irrita os tecidos.

Parece que os resultados obtidos pelo emprêgo das peptonas mercuricas em injeccões hypodermicas, no tratamento da syphilis, têm sido optimos; não se lhe seguindo nenhum accidente, segundo affirmam alguns medicos que as têm usado na sua clinica.

Para preparar extemporaneamente estes solutos propõe o sr. Petit a formula seguinte:

Bi-chloreto de mercurio.....	1
Chloreto de sodio.....	2
Peptonas sêccas.....	1

Dissolve-se tudo na menor quantidade possivel de agua,

filtra-se e em seguida evapora-se no vacuo. O producto bem sêcco é triturado novamente. Dissolve-se completamente em agua distillada.

Para preparar uma injeccão hypodermica contendo 1 por 100 de bi-chloreto, tomar-se-ha pois:

Peptona mercurica.....	4
Agua distillada.....	100

O mesmo producto pode ser empregado na preparação de pilulas contendo cada uma 4 centigrammas de peptonas mercuricas, comprehendendo portanto exactamente a 1 centigrama de bi-chloreto de mercurio.

S. M.



CHIMICA

Algumas considerações sobre os caracteres dos gazes e vapores organicos chlorados

Por Berthelot

Sabe-se que a presença dos compostos chlorados volateis, taes como o chloroformio, dissolvidos no sangue ou nos liquidos organicos, pode reconhecer-se fazendo passar seu vapôr, misturado com ar e vapôr de agua, atravez de um tubo aquecido ao rubro: o chloro torna-se em parte liyre e parte em acido chlorhydrico. Os gazes, dirigidos em seguida sobre um soluto de nitrato de prata, produzem precipitado branco caracteristico.

A acção da faisca electrica e a da combustão decompõem igualmente os gazes organicos chlorados, tornando-os susceptiveis de tambem precipitar o nitrato de prata.

Muitas vezes tive occasião de observar diversas causas de erro n'este genero de investigações, devidas á presença do acido cyanhydrico e da acetylena, e que julguei util assignalar.

A presença do acido cyanhydrico embarça, sem duvida,

*

a procura do chloro e do acido chlorhydrico, por que o cyaneto de prata assemelha-se muito ao chloreto do mesmo metal, e forma-se igualmente á custa do nitrato de prata, ainda mesmo n'um soluto fortemente acido.

A acetylena precipita do mesmo modo o azotato de prata neutro, formando acetylureto de prata.

Ora estas causas de erro não são puramente theoreticas: mas são para receiar quando se opéra a decomposição dos vapôres, na presença de uma quantidade de oxygenio insufficiente ou do ammoniaco. Sob a influencia da faisca electrica, o azoto livre tambem se transforma em acido cyanhydrico rapidamente.

É facil de verificar queimando um liquido volatil á superficie de uma solução de azotato de prata, que os gazes obtidos podem precipitar o azotato, mesmo na ausencia total do chloro.

Resulta d'estes factos que a formação de um precipitado branco no azotato de prata neutro ou ligeiramente acido, atravessado por uma corrente gazosa, não é um caracter exclusivo do chloro ou do acido chlorhydrico.

Eis como estas diversas causas de erro podem ser evitadas.

O acetylureto de prata, uma vez formado, não se dissolve immediatamente no acido azotico; dissolve-se porém no acido concentrado e fervente, e o licor, diluido em seguida com agua pura, fica limpido.

Podemos mesmo evitar a formação do acetylureto de prata, acidulando precisa e fortemente pelo acido azotico a solução do azotato de prata, que deve ser atravessada pelos gazes.

Esta precaução não basta contra o acido cyanhydrico. N'este caso convém dissolver primeiro os gazes na agua pura e leval-a á ebulição, afim de expulsar o acido cyanhydrico que possa conter. A acetylena dissolvida é igualmente eliminada por esta via, após algum tempo de ebulição. O acido chlorhydrico, pelo contrario, fica no licor, por que forma um hydrato menos volatil que a agua pura.

Observações polarimetricas sobre a rapidez da inversão do assucar de canna pelo acido chlorhydrico concentrado á temperatura ordinaria

Por F. Urech

Abandonando á temperatura de 23° uma solução de assucar de canna adicionada de 10 % de acido chlorhydrico concentrado, a interversão se faz pouco a pouco e está completa no fim de 6 a 7 horas. Segundo os numeros dados pelo auctor, a interversão marcha rapidamente a principio; mas vae sendo mais morosa á medida que augmenta a proporção do assucar intervertido.

J. J. PIRES.

TOXICOLOGIA

Separação e dosagem do arsenico nas investigações toxicologicas

Por E. Fischer

No processo proposto por Schneider e por Fyse para a separação e dosagem do arsenico nas buscas toxicologicas, pela distillação da materia com acido chlorhydrico, ha algumas causas de erro: somente o acido arsenioso distilla no estado de chloreto; o acido arsenico fica por decompôr; o auctor propõe transformal-o em acido arsenioso com chloreto ferroso. Para isto, trata a substancia pelo chlorato de potassa e acido chlorhydrico; os sulfuretos de arsenico, de antimonio e de estanho são em seguida oxydados pelo chloro em solução alcalina, segundo o processo de Bensen, e o chlorato alcalino destruido em grande parte pelo acido chlorhydrico concentrado. Distilla-se depois em um balão de 500 a 600^{cc}, ajuntando 20^{cc} de uma solução saturada a frio de chloreto ferroso, e 140^{cc} de HCl a 20 %. Se a substancia contém pouco arsenico basta uma distillação; no caso contrario, ajunta-se acido chlorhydrico ao residuo e

distilla-se ainda; depois de quatro distillações, todo o arsenico terá passado arrastando somente um pouco de estanho e de antimonió. Retomam-se então os liquidos distillados e tornam-se a distillar com chloreto ferroso: só o arsenico passa n'esta ultima distillação, e pôde-se então dosar pelos processos ordinarios, pelos licores graduados, por exemplo. Obtem-se assim resultados satisfatorios.

J. J. PIRES.

VARIEDADES

Deputados pharmaceuticos.— Os srs. dr. Joaquim José Alves e conselheiro Pedro Augusto Franco, distinctos pharmaceuticos que exercem a profissão e socios daso ciedade pharmaceutica lusitana, estão eleitos deputados para a proxima legislatura.

Felicitemos por este motivo a classe pharmaceutica do paiz; pois estamos certos de que os nossos illustres collegas e consocios hão de continuar a envidar todos os seus esforços, no seio da representação nacional e perante o ministro do reino, a fim de conseguirem que a pharmacia portugueza seja finalmente dotada com a indispensavel reforma do respectivo ensino, tantas vezes solicitada pela sociedade pharmaceutica lusitana.

Sobre a maturação das uvas.— D'um artigo publicado acerca d'este assumpto no *Jornal d'Agricultura*, transcrevemos, com a devida venia, os seguintes periodos:

«No estado verde, a uva não contém nem assucar, nem tinta, nem oleos, essencias, pectina, etc., que contém quando madura; mas contém a materia verde, a cellulose, o tannino, acidos, a pectose e as materias azotadas. A transformação, portanto, d'estes ultimos n'aquell'outros elementos — eis o que constitue o phenomeno da maturação.

A formação do assucar deriva principalmente dos acidos e do tannino. Diz-nol-o a coincidencia de desaparecerem estes com o apparecimento d'aquelle. A transformação dos

ácidos e tannino no assucar não se faz, porém, sem transições, antes se dão primeiramente outras transformações até chegarem ao termo da saccharificação.

Além d'aquelles também a pectose e cellulose se transformam em assucar, apenas pela perda de agua.

A pectina ou geléa vegetal emana da pectose por oxidação e hydratação d'esta.

A tinta da uva, essencias e oleos são uma transformação, ainda desconhecida na sua intimidade, das outras substancias contidas no bago verde.

A tinta é fixada na massa branca esponjosa que reveste internamente a pellicula do bago; sendo ali que também reside o tannino não convertido em assucar e as essencias.

Os oleos acham-se principalmente nas grainhas. O assucar encontra-se no sumo accumulado na periferia de miolo celluloso, como egualmente se encontram os saes, a materia azotada e os ácidos.

A tinta da uva é no começo vermelha, tomando a côr preta azulada só nos ultimos tempos.

Esta mudança de côr explica-se pela diminuição dos ácidos que vae deixando, que se affirme a côr propria da enocyanina, que é a azul.»

Exposição retrospectiva da arte ornamental hespanhola e portugeza, em Lisboa.—Inventou a civilização moderna as exposições, como meio efficaz de promover o desenvolvimento e aperfeiçoamento das artes e industrias, quer pela comparação facil dos productos das mesmas, em um só paiz, mas em diferentes épocas, quer pela comparação dos productos oriundos de paizes diferentes.

Em ambos os casos os resultados, que se obtém, são de incalculavel proveito para a humanidade, mormente se os expositores, procedem de boa fé, procurando exhibir não productos esporadicos, que representam um esforço excepcional da sua intelligencia e vontade, mas productos, que representem o estado verdadeiro, e por assim dizermos

normal, das artes e industrias no periodo, a que a exposiçào se refere; e se os, que visitam estas grandes agglomerações de objectos, se não deslumbram com o effeito, que produz a sua quantidade e variedade, e procuram examinal-os sob o seu aspecto verdadeiro e util, para do exame, a que procedem, poderem tirar todos os resultados, todas as consequencias, que possam influir nos aperfeiçoamentos futuros dos artefactos, ou seja sob o aspecto puramente artistico e industrial, ou seja sob o aspecto economico e moral.

As exposições universaes ou geraes, que exigem grandes esforços e o emprego de avultadas quantias, podem as nações, cujas condições economicas lhes não permitem abalançar-se a tanto, substituir as exposições nacionaes ou provinciaes, e ainda n'um reino ou provincia, as exposições de uma só industria ou arte, ou de uma industria e arte com as suas correlativas.

Pela proficuidade d'estas em Portugal propugnou, ha muito, quem escreve estas linhas; e com muito prazer viu, que a cidade do Porto, com o zelo, que lhe é proprio e com a decidida vontade, com que intenta quanto pôde engrandecer a patria, as inaugurou e continúa a fazer, dando assim exemplo e reprehensão a Lisboa, que não timbra em actividade.

Se as exposições representativas da energia actual do homem são utilíssimas, não o são menos as, que tem por fim desenterrar das ruinas do passado o, que n'essas ruinas haja digno de estudo, e expol-o não só á admiração dos mais superficiaes, o que já é de certa vantagem, mas principalmente ao estudo e meditação dos, que sabem apreciar todas as manifestações da intelligencia e do gosto, umas vezes para com taes elementos reconstruirem a historia imperfeitissima dos tempos, que já lá vão, outras vezes para com elles recomporem e retocarem a arte e a industria de hoje.

Ninguem ignora, que as civilizações antigas se affirma-

ram em todos ou quasi todos os ramos das sciencias, das letras, das artes, e ainda de algumas industrias, por modo tal, que a sociedade moderna, apesar de todos os progressos intellectuaes dos ultimos seculos, admira aquellas manifestações, e procura, muitas vezes em vão, egualal-as ou excedel-as, sem que consiga o seu empenho.

Ora, a arte em Portugal está em lastimosa decadencia; e a industria muito áquem da perfeição, que pôde attin-gir.

Não é este o lugar para tratar questões d'esta natureza, nem a penna, que isto escreve, está habilitada para as dis-cutir.

Diremos sómente que, quem quizer levantar as artes e as industrias, ha de ser como o Jano da fabula; ha de ser bifronte, de maneira que simultaneamente olhe para o pre-terito e para o presente; ha de estudar as artes antigas e as modernas; ha de como na litteratura, digam o que dis-serem os sectarios da escola realista, haurir das fontes clas-sicas as preciosidades, que ellas subministram, e sem que-rer ser exclusivamente classico, não cair nos repugnantes excessos da escola realista, sem graça, sem colorido, sem elevação, sem dignidade, e sem aquelle suave perfume, que ha de ser sempre bello e bom.

Por estas e outras rasões, que omittimos, parece auspi-ciosissima a exposição retrospectiva, que ora se trata de realisar, em Lisboa, da arte ornamental hespanhola e por-tugueza.

Desde muito tempo existiam escondidas nos mosteiros, e nas mãos de particulares inapreciaveis riquezas, algumas só conhecidas de seus possuidores, e quantas ignoradas até-dos, que as possuiam.

Ia o tempo deteriorando umas, a cobiça e ignorancia fa-zendo desaparecer outras, e a sagacidade intelligente dê alguns estrangeiros adquirindo muitas, para regalo de opu-lentos amadores, e enobrecimento de museus estranhos.

Emquanto isto acontecia nem sabiamos o, que possuia-

mos, nem davamos á curiosidade dos artistas e amadores a parte, de que carecia para seu ensino e aperfeiçoamento.

Felizmente, a futura exposição, que no proximo mez de novembro começará no palacio, ás Janellas Verdes, ha de concorrer por muito para o aperfeiçoamento de nossos artistas, conterà elementos valiosos para a historia das artes e porventura dos costumes na época anterior ao seculo actual, engrandecerá o nome portuguez e estreitará as relações artisticas de Portugal com a Hespanha e Inglaterra.

Coadjuvar a commissão em tão util empreendimento, por todos os modos possiveis é, pois, um serviço, que ninguem, que possa prestrar-lh'o, lhe deve negar.

Insignificantissimo é o, que fazemos, annuindo ao seu pedido, para que n'este jornal proclamassemos a utilidade d'aquella exposição e dessemos aos nossos leitores conhecimento do programma, que se segue.

**Exposição retrospectiva da arte ornamental
hespanhola e portugueza em Lisboa**

Protector. — Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz I.

COMISSÃO CENTRAL DIRECTORA

Presidente. — Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando II.

Vice-Presidente. — Sua ex.^a o sr. ministro e secretario de estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria.

Secretario. — Ex.^{mo} sr. conselheiro Francisco Augusto Florido Mouta e Vasconcellos, chefe da repartição do commercio e industria.

Vogaes. — Os ex.^{mos} srs.: João de Andrade Corvo, par do reino. — Antonio de Serpa Pimentel, par do reino. — José de Mello Gouvêa, par do reino. — Visconde de S. Januario, par do reino. — Antonio Augusto d'Aguiar, par do reino. — Thomaz de Carvalho, par do reino. — Antonio Maria d'Amorim, director geral de instrução publica. — Joaquim Simões Margiochi, director geral das obras publicas e minas. — Silvestre Bernardo Lima, director geral do commercio e industria. — Ignacio

de Vilhena Barbosa, socio da academia real das sciencias.— Conde de Ficalho, lente da escola polytechnica. — José Gregorio da Rosa Araujo, presidente da camara municipal de Lisboa. — Manuel de Assumpção, sub-director geral do ministerio da justiça. — Carlos Ribeiro, socio da academia real das sciencias. — Pedro Correia, antigo deputado. — Augusto Cesar Ferreira de Mesquita, antigo deputado. — Manuel Pinheiro Chagas, socio da academia real das sciencias. — Dr. Luiz Leite Pereira Jardim, antigo deputado. — Luiz Augusto Palmeirim, director do conservatorio real de Lisboa. — Venancio Augusto Deslandes, administrador geral da imprensa nacional de Lisboa. — Delfim Deodato Guedes, inspector da academia real de bellas-artes. — Antonio Thomaz da Fonseca, director da escola de bellas-artes. — Augusto Carlos Teixeira de Aragão, socio da academia real das sciencias. — Dr. Augusto Filippe Simões, lente da universidade de Coimbra. — Eduardo Coelho, jornalista. — Visconde de Jerumenha, socio da academia real das sciencias. — Visconde de Daupias, industrial. — Carlos Relvas, socio honorario da academia real de bellas-artes. — Fernando Pereira Palha Osorio Cabral, proprietario. — Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, proprietario. — Francisco Marques de Sousa Viterbo, professor da escola de bellas-artes. — Antonio de Sousa e Vasconcellos, director do jornal a *Arte*. — Francisco Rangel de Lima, escriptor publico. — João Pedro da Costa Basto, official da Torre do Tombo. — José Luiz Monteiro, professor da escola de bellas-artes. — José Simões de Almeida Junior, professor da escola de bellas-artes. — José Ferreira Chaves, socio de merito da academia real de bellas-artes.

COMISSÃO EXECUTIVA

Delfim Deodato Guedes, presidente. — Antonio Thomaz da Fonseca. — Ignacio de Vilhena Barbosa. — Augusto Carlos Teixeira d'Aragão. — Francisco Marques de Sousa Viterbo. — José Luiz Monteiro. — Dr. Augusto Filippe Simões, secretario.

Em conformidade com as determinações do decreto de 22 de junho de 1881, a exposição retrospectiva da arte ornamental e decorativa hespanhola e portugueza abrir-se-ha no palacio destinado para museu de bellas-artes no proximo mez de novembro, e encerrar-se-ha no fim do mez de janeiro de 1882.

São admissiveis á exposição as obras de arte, hespanholas e portuguezas, anteriores ao seculo XIX, e tambem quaesquer outras de origem differente, mas que tenham existido em Hespanha ou em Portugal até ao fim do seculo passado.

A commissão executiva regulará a fórma da admissão e entrega dos objectos destinados á exposição; escolherá aquelles, que deverão ser expostos, fará a classificação, dirigirá a collocação e coordenará o catalogo dos mesmos objectos.

A commissão declara, que empregará todos os esforços possiveis para que os objectos, que são confiados á sua guarda não soffram o menor damno ou extravio.

As obras de arte da casa real, que Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I se dignou mandar para a exposição; áquellas, que Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II se dignou tambem offerecer para o mesmo fim; ás collecções da Academia Real de Bellas-Artes, da Academia Real das Sciencias, dos thesouros das mitras e dos cabidos das sés, dos conventos e estabelecimentos publicos de Lisboa e de outras terras do reino; aos exemplares emprestados por muitas pessoas, que se empenham no bom exito d'este civilizador empreendimento, accrescerá uma valiosa collecção do museu South Kensington, de Londres e os exemplares com que a Hespanha concorreu á exposição, que actualmente se celebra n'aquelle museu.

Até hoje não se reuniram ainda, nem talvez se tornarão a reunir tantas e tão varias obras da arte hespanhola e portugueza, como as que se têm já colligido e continuarão a colligir-se até á abertura da exposição.

A commissão executiva convida pois todas as pessoas, que

possam concorrer com objectos das especies adiante designadas para tornarem o mais completa que fôr possível uma exposição, que terá, entre outras vantagens, as seguintes:

1.º Dará idéa clara e positiva das origens, evolução e phases successivas da arte ornamental portugueza, fazendo conhecidos os productos artisticos de cada seculo e os caracteres dos seus respectvos estylos.

2.º Mostrará as relações da arte portugueza com a arte hespanhola e as suas reciprocas influencias em cada época.

3.º Reunirá os subsidios indispensaveis para a historia de arte, que tanto nos importa conhecer.

4.º Poderá influir no aperfeiçoamento da arte moderna, facilitando o estudo e confrontação dos exemplares, que melhor attestam o gosto e mostram os processos dos artistas portuguezes que floresceram nos tempos passados.

Os expositores terão entrada gratuita.

Classes e exemplos das obras de arte admissiveis á exposição de arte ornamental e decorativa, que se ha de abrir em Lisboa no proximo mez de novembro

1.º Ourivesaria, metaes preciosos e joias

a) Alfaias do culto — Custodias, calices, cruzes d'altares e processionaes, pyxides, galhetas, thuribulos, navetas, sacras, portas de sacrarios, porta-pazes, castiçaes, campainhas, corôas, resplandores, lampadas, relicarios, baculos, etc.

b) Obras decorativas para uso domestico — Jarros, salvas, gomis, bacias, fructeiras e outras peças de baixella, urnas, copos, molduras d'espelhos, bandejas, utensilios de toucador, etc.

c) Adornos pessoases — Brazões, collares, broches, pulseiras, botões, fivellas, cadeias, condecorações, aneis, etc.

2.º Obras de metaes não preciosos

a) Obras de serralharia — Portas e grades de janellas, fechaduras, cofres, aldравas, ferrolhos, chaves, medalhões, estantes, candelabros, fogões, etc.

b) Bronzeria e obras de outras ligas metallicas — Bacias, candieiros, pratos, marcos, campainhas, cofres, obras tauxiadas, escrevaninhas e outros objectos de uso domestico, alfaias do culto, etc.

3.º Esculptura decorativa — Estatuetas, baixos relevos, imagens de santos, figuras de presepes, etc.

a) Em marmore.

b) Em marfim.

c) Em barro.

d) Em madeira.

e) Em cera.

4.º Armas

a) Armas defensivas — Armaduras, escudos, guantes, cotas de malha, adargas, grevas, etc.

b) Armas offensivas — Espadas, adagas, massas d'armas, allabardas, lanças, punhaes, arcabuzes, espingardas, pistolas, etc.

c) Utensilios de caça — Polvarinhos, cartucheiras, facas de mato, etc.

5.º Vehiculos, arreios, estribos, acicates, sellas, coldres, telizes, xaireis, etc.

6.º Ceramica, vidros e esmaltes

a) Louças hispano-arabes, porcelanas estrangeiras, terracota, taças, bacias, pratos, aparelhos de chá, medalhões, cestos, etc.

b) Porcelanas asiaticas.

c) Louças portuguezas.

d) Azulejos.

e) Vidros estrangeiros — Garrafas, pratos, vasos, copos pintados ou frascos, taças, lustres, castiças, espelhos pintados ou gravados, objectos de ornato, etc.

f) Vidros orientaes e hispano-arabes.

g) Vidros pintados.

h) Vidros portuguezes.

i) Esmaltes incrustados — Relicarios e outros objectos do culto feitos de cobre esmaltado, etc.

j) Esmaltes pintados — Diptycos, triptycos, placas, cofres, medalhões, taças, bacias e outros objectos tanto do culto como do uso domestico.

7.º Mosaicos

8.º Obras de tartaruga — Cofres, caixas de rapé, pentes, etc.

9.º Mobilia

a) Moveis de uso domestico — Mesas, contadores, secretarias, leitos, cadeiras, braseiras, obras marchetadas ou embutidas, cofres, couros estampados, bahu, portas, espelhos, molduras, estantes, bandejas, armarios, etc.

b) Moveis proprios do culto — Sacrarios, credencias, andores, estantes do côro, retabulos, etc.

c) Moveis de charão da India e do Japão.

10.º Relojos e instrumentos de precisão, notaveis pela sua ornamentação artistica

11.º Instrumentos de musica, notaveis pela ornamentação artistica

12.º Tecidos e bordados

a) Paramentos e alfaias do culto — Paramentos de brocado, lhama ou seda notaveis pela antiguidade ou pela bordadura, casulas, dalmaticas, pluviaes, veos de hombros, veos de calix, frontaes, pavilhões de sacrarios, etc.

b) Tapetes, etc.

c) Colchas.

d) Trajos antigos de homem e de mulher.

e) Leques.

f) Bordados.

g) Rendas.

h) Passamanes.

13.º Encadernações

a) Em couro.

- b) Em metal.
- c) Em pergaminho.
- d) Em madeira.

14.º Miniaturas

15.º Revestimentos de salás

- a) Pannos de Arras.
- b) Pannos pintados.
- c) Papeis pintados.

16.º Couros estampados, pintados, dourados ou prateados

17.º Manuscriptos illuminados

18.º Desenhos, modêlos e photographias de obras decorativas

Secretaria da commissão executiva, 10 de julho de 1881.

— *Delfim Deodato Guedes*, presidente. — *Antonio Thomaz da Fonseca*. — *Ignacio de Vilhena Barbosa*. — *Augusto Carlos Teixeira d'Aragão*. — *Francisco Marques de Sousa Viterbo*. — *José Luiz Monteiro*. — *Dr. Augusto Filippe Simões*, secretario.

Receita para bronzear o cobre e o latão.

— Se o objecto para bronzear é de cobre, deve ser tratado pelo acido azotico diluido; se é de latão, recobre-se primeiramente de uma camada cuprica, mergulhando-o em soluto de sulfato de cobre e tocando-lhe ao mesmo tempo com um pedaço de ferro. Em os objectos sendo extrahidos, serão lavados e séccos cuidadosamente com serradura de madeira ou com sênea.

À parte, prepara-se uma mistura de plumbagina (95 grammas) com hematita (130 grammas), que será moida com cuidado em porphyro, ajuntando-se, vez em quando, pequenas porções de alcool a 36°. A massa espessa pode ser conservada em frasco de vidro bem rolhado.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 1 DE SETEMBRO DE 1881

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte correspondencia que teve o devido destino.

O sr. Emilio Fragoso leu o parecer da commissão revisora de contas, do qual as conclusões, são as seguintes:

1.º Que seja louvado o conselho administrativo, a sua illustrada gerencia.

2.º Que se officie aos socios em atraso pedindo-lhes que entrem em cofre com as suas quotas, afim de se poder mais facilmente installar na sociedade um curso de pharmacia.

Este parecer foi approvado depois de alguma discussão, relativo á segunda parte, entre os srs. S. Machado, Delicioso e Fragoso.

Não teve segunda leitura o parecer da commissão de pharmacia sobre a limonada de citrato de magnesia, por não se achar presente o sr. relator.

Foram eleitos e proclamados socios:

Correspondente o sr. Francisco de Paula Martins Ferreira, da Merceana;

Effectivos os srs. Antonio Simões Ferreira e Izidoro Nogueira de Azevedo.

Por não haver mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, eram dez horas da noite.—O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

Sessão solenne para commemorar o quadragésimo sexto
anniversario da sociedade pharmaceutica lusitana

Presidencia do sr. Sousa Telles

No dia 24 de setembro, ás oito horas e meia da noite, estando presentes muitos socios benemeritos, honorarios e effectivos, abriu o sr. presidente a sessão, e deu a palavra ao segundo secretario, José Gomes de Mattos, para ler o

**Relatorio dos trabalhos da sociedade pharmaceutica lusitana
durante o 46.º anno da sua installação**

Senhores:—Venho hoje cumprir o ultimo, e o mais espinhoso dever, do cargo para que me elegestes.

Pelo nenhum valor d'este meu trabalho, como pelo de todos os outros, vereis que vos illudistes ou que fostes extremamente benevolos, com quem não podia, por lhe faltarem todos os requisitos de intelligencia, de saber e de aptidão, desempenhar, á altura das conveniencias d'uma associação scientifica um cargo que, sendo dos ultimos, é ainda muito superior em exigencias, aos recursos de que posso dispôr.

Estas palavras não são a mascara d'uma falsa modestia para fazer, porventura, realçar o meu trabalho, visto assim pela vossa benevolente condescendencia; significam simplesmente a convicção em que estou, de ter cumprido mal o vosso mandato que, ao mesmo tempo, me honrou extraordinariamente, e evidenciou a minha incompetencia para este cargo.

Convicto de que sereis ainda por esta vez indulgentes para comigo, passo a fazer a historia da sociedade pharmaceutica no ultimo anno decorrido.

Não deve ser a simples narração dos factos economicos e scientificos occorridos durante o anno que passou, o unico objecto d'estes trabalhos; é indispensavel que das premissas estabelecidas se tirem deducções logicas, que dos factos saiam conclusões, que se faça critica, fiel, austera, impar-

cial; foi isto o que fizeram os meus antecessores, seria isto o que eu faria, se soubesse.

Senhores: completou ha pouco o 46.º anno da sua existencia, a sociedade pharmaceutica lusitana.

Teem passado aqui duas gerações de pharmaceuticos.

A primeira deixou a sua passagem impressa com caracteres indeleveis na historia da pharmacia contemporanea. Merece, e merecerá sempre por isso, a admiração e o respeito dos que presam o trabalho desinteressado, nobre, quasi heroico, com que aquelles velhos se dedicaram á causa da emancipação e do engrandecimento da sua classe.

A segunda, se alguma coisa merece é uma accusação energica, por não ter seguido o caminho, cheio de gloriosas tradições, trilhado á custa de enormes sacrificios, por nossos antepassados.

Ha, felizmente para todos nós, algumas e muito notaveis excepções.

Em geral, porém, reconhece-se um condemnavel desprezo dos socios pela causa da sociedade.

É esta uma das mais antigas associações de Portugal e das que mais esforços tem empregado para conseguir a prosperidade da classe que representa, mas é tambem, apesar de tudo, a mais infeliz de todas.

Parece que um estylo occulto, gravou nas tábuas da lei do destino a sua condemnação fatal, e não ha esforço por mais energico, dedicação por mais desinteressada, heroismo por mais arrojado, que consiga salvar-nos d'esse lema fatal: desprezo.

Quando pretendemos elevar-nos, os que podiam, os que deviam vir em nosso auxilio, despresam-nos. É o que succede hoje, como hontem, como amanhã talvez.

São muitas as causas do deploravel estado em que se acha actualmente a classe pharmaceutica.

Uma e a principal é a falta de ensino official que nos permitta ostentar publicamente as nossas habilitações.

Agora, o pharmaceutico pôde ter muita intelligencia, e muita illustração que ninguem dará por elle.

Se, como no estrangeiro, possuisse um grão doutoral, talvez então pudesse ser ignorante quanto quizesse, que todos os respeitariam.

Isto não significa que eu não creia na regeneração scientifica da pharmacia, pela organização do ensino, é simplesmente um protesto contra o esquecimento e o desprezo a que estão condemnados muitos pharmaceuticos distinctos da nossa terra por não possuirem habilitações officiaes, que aliás teriam, se lhes facultassem meio de as obter.

Não posso deixar de mencionar, a par das culpas dos poderes publicos que sempre teem descurado da nossa educação scientifica, as nossas proprias culpas. E, não são estas de menor importancia do que aquellas.

O que significa a extraordinaria redução de preços nos fornecimentos por arrematação a monte-pios e outras corporações senão o proposito firme de illudir e falsear?

Vender ao publico medicamentos de composição secreta e origem desconhecida, não será declinar a propria responsabilidade que todos devemos ter e nunca devemos desprezar?

Não será abdicar os nossos direitos, para nos egualarmos áquelles a quem, por não possuirem habilitações legaes, nenhuma responsabilidade se podem exigir?

Preparar e vender *injecções divinas* não será, além do disparate do titulo, uma humilhação em presença dos magnificos preparados que do estrangeiro nos enviam?

Que consideração pode merecer o pharmaceutico, que, exorbitando das suas funcções, se introduz já na dos medicos, já na dos enfermeiros receitando e curando? Poderá erguer a voz para protestar contra o desprezo que lhe votam, o pharmaceutico curandeiro e o pharmaceutico charlatão?

É ridículo e prejudicial de mais para que possam attender o.

Desculpae-me, senhores, se são excessivamente asperas estas palavras; mas é preciso castigar os parasitas que se

alimentam roubando-nos o nosso unico elemento de vida— a dignidade da classe.

Só poderemos ser respeitados se formos dignos.

Foi, como em todos os annos, motivo principal de muitas sessões a já quasi lendaria reforma do ensino pharmaceutico.

A mesa fez sobre este assumpto tudo quanto pôde. Pediu tudo e pediu a todos. Empregou todas as forças e a resultante foi nulla.

Os conselhos das escolas medicas foram encarregados de fazer um projecto de reforma do respectivo ensino. Era indispensavel que fosse incluido o de pharmacia.

A mesa da sociedade dirigiu-se por officios a cada um dos conselhos, pediu, por circular, a cada um dos membros, implorou pessoalmente a muitos d'estes; mas o governo caiu e o projecto morreu.

Quando assumptos d'esta gravidade dependem da prosperidade d'esta ou d'aquella facção partidaria, nada devemos esperar, enquanto existir entre nós esta grande agitação politica.

Ninguem desconhece os continnos e publicos abusos praticados pelas drogarias, na venda não só de medicamentos secretos, como na preparação de outros, que só por pharmaceuticos devem ser feitos.

Contra isto, que além de poder prejudicar muito a saúde publica, dando logar a erros fataes, é um attentado contra os legitimos interesses do pharmaceutico, protestou energicamente a sociedade, perante a auctoridade superior do districto: mas, como sempre, ainda não foi attendida a sua justa reclamação.

Tem muita mais consideração por nós o poder judicial, que, depositando inteira confiança na sociedade, encarregou repetidas vezes os seus operadores da missão cheia de responsabilidades, de analysar visceras suspeitas de envenenamento.

N'estes trabalhos se houve a vossa commissão de chimica

à altura da illustração e da dignidade de character, que todos nós reconhecemos nos membros d'ella.

Tratou-se por varias vezes, em diversas sessões, o importante assumpto da definitiva installação da sociedade em casa, que offereça condições de commodidade indispensaveis ás exigencias d'uma corporação d'esta natureza.

Lembraram alguns socios o alvitre de contrair, por meio de acções, um empréstimo cujo producto fosse applicado á construcção d'um edificio em que podesse haver sala de sessões, laboratorio, secretaria, bibliotheca, etc.

Esta idéa cuja realisação não me parece impossivel, foi impugnada por alguns socios a quem eu respeito muito, mas que me pareceram n'este assumpto extremamente meticulousos.

Por proposta do sr. dr. Alves, e depois de ouvida a commissão de redacção, resolveu a sociedade inserir na capa do jornal annuncios de preparados pharmaceuticos, e publicações scientificas, o que ainda não pôde executar-se por motivos alheios á vontade da mesa. Esta medida se der o resultado desejado será d'um grande alcance financeiro, porque o cofre acha-se actualmente muito sobrecarregado com despesas aliás indispensaveis.

Ha muito quem accuse de pouco importante o nosso jornal.

Eu que não tenho nem podia ter a honra de fazer parte da sua commissão de redacção, posso fallar imparcialmente sobre este assumpto.

É factó que tem sido em geral de pouco interesse, não porque ás commissões encarregadas de o redigirem falte a necessaria competencia, mas porque os seus deveres officiaes ou particulares lhe não deixam de sobra o tempo indispensavel para trabalhos de grande vulto.

Aos accusadores, porém, lembramos que são elles principaes culpados porque, por disposição regularmentar, as paginas do jornal estão patentes a todos os socios para a publicação dos seus escriptos, e n'este caso, só é pouco

interessante pelo simples facto dos socios não quererem escrever.

Agora que fallo do jornal devo dizer que felizmente não é elle tão desconceituado pelos estrangeiros, porque algumas sociedades scientificas tem pedido a troca, e reclamado alguns numeros quando extraviados.

Ultimamente recebeu a sociedade a distincção de o poder honrar publicando por transcripção do *Instituto*, um importante trabalho do sr. Adolpho Moller, que não só auctorisou esta transcripção, mas ampliou a sua obra expressamente para sair mais completa no nosso jornal.

A este cavalheiro e ao sr. dr. Julio Henriques, que além da sua grande erudição, possui a qualidade rarissima em Portugal de ser um grande e incansavel trabalhador, deve a sociedade as mais assignaladas provas de deferencia.

Não quero cançar a vossa attenção narrando-vos factos de pequena importancia e dos quaes todos vós tendes conhecimento pelas actas das sessões.

Por ultimo devo dizer-vos que são injustas quaesquer accusações que alguém faça aos funcionarios da presente e das preteritas gerencias, pondo em duvida os bons desejos que todos teem tido de obter a prosperidade e o bem da classe pharmaceutica.

Citarei, por ser aquella de cujos importantes trabalhos mais conhecimento tenho, a mesa que precedeu a actual.

Essa mesa que tinha por presidente um dos mais notaveis pharmaceuticos portuguezes, a quem todos nós respeitamos, pela sua grande intelligencia, pelo seu muito saber, e pelo seu elevado character, e a quem eu particularmente devo uma interminavel gratidão por ter sido, com o maior desinteresse o meu dedicado mestre; essa mesa que tinha por primeiro secretario o malgrado, o infeliz Felix Ferreira, que foi o mais activo, o mais desinteressado, o mais infatigavel trabalhador, sendo ao mesmo tempo um dos mais honestos, dos mais intelligentes e dos mais illustrados membros da sociedade, essa mesa que tinha um segundo secretario cuja apti-

dão é muito superior ás exigencias d'este cargo; conquistou á sociedade um merecidissimo reconhecimento e serão sempre por isso injustas ou aleivasas, todas as accusações, que alguém, pouco consciencioso ou pouco recto, lhe dirija.

Para terminar o relatorio dos trabalhos da sociedade, durante o seu 46.º anno, dir-vos-hei que todos os membros das commissões permanentes desempenharam dignamente os seus cargos.

A commissão de chimica, além de treze analyses toxicologicas que praticou no laboratorio por pedido da procuradoria regia, deu um desenvolvido e bem elaborado parecer sobre os preparados pharmaceuticos habilmente feitos na pharmacia do sr. Thomaz Alves, sob a direcção do sr. Simões Serra.

Analysou tambem e deu parecer sobre uma amostra de sulphato de quinino que lhe foi enviado pela fabrica lombarda de productos chimicos.

A commissão de pharmacia deu tambem desenvolvidos pareceres sobre os preparados do sr. Thomaz Alves.

Por ultimo, a commissão de direito pharmaceutico, foi sempre pontualissima no cumprimento das respectivas attribuições.

Continua a ser pouco prospero o estado financeiro da sociedade, parecendo comtudo mostrar tendencia para melhorar, o que é sem duvida devido á muita actividade e zelo do dignissimo thesoureiro, na cobrança das quotas.

A receita foi de.....	1:245\$250
A despesa de.....	1:041\$950
Saldo.....	203\$300

Além de 8:300\$000 réis que possuiue em inscripções.

A sociedade soffreu dolorosa perda pelo fallecimento de quatro socios os srs. Eloy Mendes Bugarro, de Lisboa, José Martins Pereira, da Merceana, Manuel Lopes Pereira, de Fão, Thomaz de Sousa Pereira Veiga, de Braga.

Já depois de terminado o periodo a que este relatorio se

refere passou a sociedade pela mais dura provação que nos ultimos annos tem experimentado.

O fallecimento de A. A. Felix Ferreira deixou para muito tempo enlutada toda a classe pharmaceutica.

Não é este o logar nem eu o panegyrista digno do grande benemerito.

A sociedade pharmaceutica lusitana ha de pagar a grande divida de gratidão que tem para com elle e alguem mais autorisado do que eu fará o seu elogio.

Já tambem depois de terminado o anno, de cujos acontecimentos este relatorio deve dar conta, apresentaram dois membros d'esta sociedade uma proposta para ser creado aqui um curso regular de pharmacia, o qual fosse incentivo a futuros empreendimentos. Conseguiu-se d'este modo, em França um ensino regular. Nós que somos imitadores perfeitissimos, muito nos illustrariamos se podessemos imitar n'isto os francezes. Depende de nós e só de nós o bom resultado d'esta empresa. Ha na proposta de que fallo um artigo em que se estabelece uma verba relativamente avultada para compra de utensilios e aparelhos para o nosso laboratorio. Da illustração dos nossos consocios ousou esperar que entre o burguesissimo ideal de juntar dinheiro e a nobre aspiração de elevar a classe pela sciencia, todos não de preferir que a sociedade possua em vez de muitos titulos de divida publica um bom laboratorio onde possam ser educados os seus alumnos.

Relevae-me senhores o abuso, que fiz da vossa benevolencia, e aceitae a minha sincera gratidão pelas honras de que me investistes, e ás quaes tão mal correspondi.

Disse.

Em seguida teve a palavra o sr. primeiro secretario, Alfredo da Silva Machado, para ler o

Programma das questões scientificas para o quadragésimo sétimo anno da sociedade pharmaceutica lusitana

A sociedade pharmaceutica lusitana, em observancia do

§ 8.º do art. 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias, o seguinte

PROGRAMMA

Primeira questão

Qual o processo preferivel para a preparação dos extractos, de modo que representem as substancias de que são tirados?

Segunda questão

Posologia dos extractos seccos?

Terceira questão

Qual o meio de evitar a alteração dos hydrolatos?

Quarta questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do azeite pelo oleo de amendoim?

Quinta questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do oleo de amendoas doces?

Sexta questão

Influencia que os canos de ferro e de chumbo actualmente empregados em Lisboa, podem ter nas propriedades physicas e chimicas das aguas potaveis, por elles conduzidas demonstrada por analyses quantitativas, executadas e descriptas de modo que se não possa duvidar da sua veracidade?

A memoria em que se tratar este ponto poderá comprehender o estudo da influencia que as aguas potaveis, conduzidas por canos de ferro ou chumbo, exercem na economia animal.

Condições

Os premios consistirão em medalhas de oiro, tendo de um lado, no centro de uma corôa de louro, a seguinte inscripção: «Ao membro benemerito», e do outro o titulo da sociedade e a legenda «Sociedade pharmaceutica lusitana» A estes premios terão direito os individuos que satisfize-

rem cabalmente a qualquer das questões propostas. Os que, não satisfazendo cabalmente a qualquer das questões referidas, a sociedade julgar dignos da honra do *accessit*, receberão o diploma de membros honorários.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escritas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da sociedade, por todo o mez de abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada; no caso contrario a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para esse fim approvadas pela sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo «Memorias da sociedade pharmaceutica lusitana».

Finalmente, os premios confirmados aos concorrentes nem sempre serão uma prova de que esta sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authenticico de que seus auctores desempenharam em geral o exigido pela sociedade nos seus programas.

Lista dos doadores e objectos doados á sociedade durante o quadregésimo sexto anno

Pela academia médico-pharmaceutica de Barcelona:—Conforencias dadas en la Academia Médico-Pharmaceutica de Barcelona sobre generalidades de los tumores ú oncologia, por el dr. D. Salvador Bádía.

Pelo sr. Alfredo da Silva Machado, de Lisboa:—Sobre a velocidade de propagação das chammas, por Francisco da Fonseca Benevides. (Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias em sessão da 1.ª classe de 8 de janeiro de 1880.)

Pelo sr. Joaquim Antonio de Oliveira, de Coimbra:—Doenças e suas relações (estudos e observações) por A. J. de Oliveira.

Pela associação typographica lisbonense:—Homenagem a Camões.—Sessão solemne da associação typographica lisbonense para commemorar o tricentenario.

Pela camara municipal de Lisboa:—Archivo municipal do Lisboa, Boletim hebdomadario de estatistica demographica e medica.

Pelo sr. Ribeiro dos Santos Viegas:—Flora Pharmaceutica de Figueiredo. Codex francez (antigo.)

Pelo sr. Carlos Mallaina, de Breviesca:—Contra-venenos y auxilios que deben prestarse en los primeros momentos de los envenenamientos agudos, por D. Victor Blay y Peres.

Pelo colegio de farmaceuticos de Madrid:—Resúmen de las tareas y actos del Colegio de Farmaceuticos de Madrid durante el decenio de 1871 a 1881, por el secretario segundo D. Ricardo Torres Valle.

Pela direcção do observatorio do infante D. Luiz na Escola Polytechnica de Lisboa: Annaes do observatorio do infante D. Luiz de 1877 e 1878 —Postos meteorologicos, annexos ao volume 15.º dos Annaes do observatorio do infante D. Luiz.

Pelo sr. Eduardo Julio Janvrot, do Rio de Janeiro:—Rasões fundamentaes da petição dirigida á augusta camara dos srs. representantes da nação pelo instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro, instando pela reforma do ensino da pharmacia e da lei de 1850 que regula o exercicio d'esta profissão.

Por mr. Eusebe Ferrand, de Paris: — Premiers secours aux empoisonnés, aux noyés, aux asphyxiés, aux blessés en cas d'accidenet aux malades en cas d'indisposition subite, par E. Ferrand.

Pelo sr. D. Frederico Gomez de la Mata, de Madrid: Tratamiento quirurgico de las enfermedades de los oidos, por el dr. A. Paquet, traducida y anotada por el D. Federic^o Gomez de la Mata.

Pelo sr. Henrique José Pinto, do Porto:—Revista de medicina dosimetrica baseada na physiologia e experimentação clinica segundo o methodo do dr. Burggraev.

Pelo sr. dr. Joaquim José Alves, de Lisboa:—Bulletin de la société royale de médecine publique du royaume de Belgique. 9 fasciculos

Pelo sr. José Joaquim da Silva Pereira

Caldas, de Braga:—Encomio a Camões, uma poesia hespanhola de D. José Lopez de La Vega em 1855, antecedido de um preambulo do professor bracarense Pereira Caldas.—Seis estrophes do episodio Adamastor, extraido dos *Lusiadas* de Camões com a versão hespanhola de D. Patricio de La Escosura, inedita; precedidas de um preambulo do professor bracarense Pereira Caldas.—Excerptos dos *Lusiadas*.—Parallelo entre Virgilio e Camões, conferencia pronunciada em sessão solemne da sociedade Nova Euterpe, a 13 de junho de 1880, por M. Emilio Dantas.—Portugal e Camões, estudo politico-moral dos *Lusiadas*.—Collecção de diversos jornaes de 10 de junho de 1880, contendo artigos commemorativos do tricentenario de Camões, a saber: A Actualidade, O Commercio do Porto, O Dez de Março, Imparcial, A Lucta, O Primeiro de Janeiro.

Pelo sr. José Silverio Rodrigues Cardoso, de Mirandella:—Relatorio dos resultados obtidos na Estação agronomica experimental de Lisboa, apresentado pelo agromomo Antonio Filippe da Silva Junior.

Pelo sr. José Tedeschi, de Lisboa:—Enciclopedia médico-farmaceutica de Barcelona.—La Crónica oftalmologica.—Los Avisos, por D. Pablo Fernandez Izquierdo.—Semario farmaceutico, de Madrid.—La Gaceta de sanidad militar, de Madrid.—Revista medica de Chile.—Gazeta medica da Bahia.—O Instituto, de Coimbra.—Estudos medicos, órgão da sociedade dos estudos medicos de Coimbra.—Giornale di medicina militare, de Roma.—Giornale di farmacia, di chimica e di scienze affini publicato dalla società di farmacia di Torino.—Bulletin des travaux de la société de pharmacie de Bordeaux.—Boletim de pharmacia, do Porto.—Gazeta dos hospitaes militares.—Anales de la Academia y laboratorio de ciencias medicas de Cataluña.—Revista de medicina dosimetrica baseada na physiologia e experimentação clinica, segundo o methodo do dr. Burggrave.—Bulletin de la société de pharmacie du Sud-ouest, Toulouse.—Petites affiches pharmaceutiques et medicales.—Jornal da Sociedade das ciencias medicas de Lisboa.—O Constructor, publicação mensal destinada especialmente aos conductores de obras publicas, e em geral aos constructores e industriaes.—Jornal de agricultura e ciencias correlativas, do Porto.—L'Union Pharmaceutique, journal de la pharmacie centrale de France.—Bulletin commercial annexe de L'Union pharmaceutique.—El Laboratorio, revista de farmacia y ciencias accessorias de Barcelona.—El Monitor de la salud, de Barcelona.—La Reforma médica, organo del Instituto homeopático mexicano.—Revista de medicina, cirurgia, pharmacia e ciencias accessorias, de Paris.—Los medicamentos galénicos, estudio comparativo sobre los mismos por D. Federico Pratz Grau.—Boletin del Instituto médico valen-

ciano.— O Gremio litterario, do Fayal. — Archivo opthalmologico de Lisboa.— Orçamentos da camara municipal de Lisboa para o anno economico de 1878-1879 e anno civil de 1881.— Relatorio apresentado á camara municipal de Lisboa, na sessão de posse em 18 de agosto de 1878, por José Elias Garcia, presidente.— Breves considerações acerca do estado da fazenda municipal, colligidas e apresentadas em sessão publica da camara municipal de Lisboa, em 25 de agosto de 1879 pelo vereador Theophilo Ferreira.— Discursos proferidos pela accusação publica e particular no julgamento dos réos accusados de subtração de dinheiro do Banco ultramarino.— El Observador medico, do Mexico.— El Medico y cirujia y los ramos colaterales de Guatemala.— La Independencia medica, do Mexico.— La Farmacia española, de Madrid.— La Gaceta medica, de Lima.— Acta de la sesion publica inaugural que la Academia médico-farmacéutica de Barcelona celebró el dia 29 de enero de 1880.— Conferencias dadas en la Academia médico-farmacéutica de Barcelona sobre generalidades de los tumores u oncologia por el dr. D. Salvador Badia.— Sintomatologia infantil. Notas copiladas por el dr. D. Carlos Ronquillo.— L'Orosi, giornale di chimica, farmacia e scienze affini, publicato per cura dell'associazione chimico-farmacéutica fiorentina.— Ossicloruri alluminici. Osservazioni sull'attuale peso atomico dell'alluminio. Nota del Dott. Donato Tommasi. Firenze.— Conférence sur la doctrine des engrais chimiques, par Mr. Eugène Marchand.— Estudos sobre o bromureto de potassio, pelo doutor Th. Petit.— Tribuna pharmaceutica, órgão do Instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro.— Boletim official do districto administrativo de Santarem.— Relatorio do Instituto vaccinico Campos e Bourquin.— Projecto de reforma do ensino medico por F. A. de Bettencourt Raposo.— Archivo di farmacia. Roma.— Relatorio da Escola de humanidades e de sciencias pharmaceuticas, apresentado ao Instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro pelo pharmaceutico Janvrot em 1876.— Algumas palavras sobre a hygiene e os cuidados que se devem ter com os recém-nascidos, these por João Henriques da Cruz.— Breves considerações sobre o tratamento dos aneurismas, these por Eduardo Santos Rodrigues.— Breve estudo sobre a acção physiologica e therapeutica do alcool, these por João José Camões.— Breve estudo sobre pneumoconiose anthracosica, these por Faustino de Castro.— O cansaço, estudo de physiologia, these por Ernesto Augusto Cabrita e Silva.— O chloroformio no parto, these por Joaquim Antonio Salgado.— Apontamentos de clinica urbana, these por Luiz Theodoro de Freitas e Costa.— Etiologia da epilepsia, these por Augusto José Ramos.— Estudo sobre as hemorrhagias traumaticas de origem palustre, these por Joaquim José da Guerra Carneiro.— Hemorrhoides, seu tra-

tamento, these por Luiz Augusto Rebello.—Breve estudo sobre o herpes, these por Manuel de Almeida Ribeiro.—Inflamação aguda simples do ouvido medio, these por Joaquim Ferreira da Silva Villas Bôas.—Duas palavras sobre o jaborandi e seu alcaloide a pilodarpina, these por Acacio Borges Pereira da Silva.—O mecanismo da contração muscular, these por Guilherme Maria da Silva Jones.—Noções geraes sobre o exame clinico das creanças, these por Horacio Henrique Ferrari.—Ovariectomia em Portugal, these por José Alexandrino Craveiro-Feyo.—Breve estudo sobre o pemphigo, these por Francisco d'Assumpção Casa Nova.—Breve estudo acerca da unidade da phthisica pulmonar, these por José Agostinho Maria de Sousa.

Pelo sr. dr. Julio Augusto Henriques, de Coimbra:—Phylloxera, apontamentos.—Sociedade Breteriana, trabalhos de 1880.

Pelo ministerio das obras publicas:—Relatorio da commissão de estudo e tratamento das vinhas do Douro, por Manuel Paulino de Oliveira.—Notice abrégée sur la ferme-école régionale de Cintra par le conseiller Rodrigo de Moraes Soares, directeur général du commerce et de l'industrie.

Pelo sr. dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga, de Lisboa:—Symptomatologie, nature et pathogene du bérubéri.

Pelas redacções:—Annaes do Club militar-naval.—Correio medico de Lisboa.—Enciclopedia medico-farmaceutica de Barcelona.—Estudos medicos (orgão da Sociedade dos estudos medicos de Coimbra).—Gazeta dos hospitaes militares.—Gazeta medica de Lisboa.—O Instituto, de Coimbra.—Jornal de horticultura pratica, do Porto.—Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa.—La Crónica oftalmologica.—El Restaurador farmaceutico.—Revista farmaceutica, órgano de la Sociedad nacional de farmacia argentina.—Bulletin de la Société royale de pharmacie de Bruxelles.—Annales de la Academia y laboratorio de ciencias medicas de Cataluna.—Boletim de pharmacia do Porto.—Revista de medicina y cirurgia praticas de Madrid.—Tribuna pharmaceutica, órgão do Instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro.—Jornal da Sociedade das sciencias medicas de Lisboa.—A Sentinella da fronteira, Elvas.—El Monitor de la salud, de Barcelona.—O Academico, Lisboa.—Boletin del Instituto medico valenciano.—Archiv der pharmacie.—Revue mensuelle de laryngologie, o d'otologie et de rhinologie, de Bordeaux.—Relatorio do Instituto vaccinico. Campos e Bourquin.

Pela Sociedade de geographia de Lisboa:—Boletim da sociedade de geographia de Lisboa.—A questão do Transvaal, documentos colligidos, traduzidos e communicados

à sociedade de geographia de Lisboa, em 23 de fevereiro de 1881, por Augusto de Castilho.—Explorações geologicas e mineiras nas colonias portuguezas, Conferencia feita na sociedade de geographia de Lisboa, na noite de 17 de janeiro de 1881 por Lourenço Malheiro. — Moçambique. Comunicação à sociedade de geographia de Lisboa nas sessões de 6, 13 e 22 de dezembro de 1880 por Joaquim José Machado.

Pela Smithsonian Institution: —Annual report, of the board of regents of the Smithsonian Institution. 1878.

**Alterações occorridas no quadro da sociedade
pharmaceutica lusitana
durante o quadragésimo sexto anno da sua instituição**

FORAM ADMITTIDOS

Para a classe de benemeritos

Antonio Augusto Felix Ferreira, Lisboa.

Para a classe de honorarios

Adolpho Frederico Moller, Coimbra.

Conde de Ficalho, Lisboa.

Emilio Silvestre Dias, Lisboa.

Dr. Julio Augusto Henriques, Coimbra.

Para a classe de effectivos

Antonio Augusto d'Ascensão.

Emilio Manuel Fragoso.

Francisco Bernardo de Sousa.

Francisco de Carvalho.

José Ferreira da Silva.

Manuel Fernandes Pessoa.

Para a classe de correspondentes nacionaes

Alvaro José da Rosa, Portalegre.

Antonio Candido da Cruz, Nova Goa.

Antonio Dias Pereira da Graça, Ilha do Principe.

Francisco Antonio Serra, Portalegre.

João Diniz d'Abreu, Tabua.

João José Pereira Leal, Pico de Regallados.

João Maria Corrêa Barbosa, Odemira.
 José Accurcio Nunes Rego de Carvalho, Peniche.
 Manuel Evangelista Junior, Almodovar.
 Manuel Lopes Afonso Ferreira, Vianna do Castello.
 Marcianno Pereira dos Santos Beirão, Pará.

PEDIRAM A DEMISSÃO

Correspondentes nacionaes

Duarte Pereira Dias Ribeiro, Vianna do Castello.
 Lino Alberto de Santa Clara, Paiaõ.

**FORAM ELIMINADOS DO QUADRO SEGUNDO AS DELIBERAÇÕES TOMADAS
 PELA SOCIEDADE EM SESSÃO DE 9 DE SETEMBRO DE 1929**

Effectivo

José Joaquim Pinto d'Almeida.

Correspondentes nacionaes

Antonio Guilhermino Furtado Junior, Bragança.
 Francisco José Rodrigues Chaves, Villa Pouca de Aguiar.
 João Chrisostomo Pereira Barroso, Villa Nova de Gaia.
 Luiz Antonio da Costa, Porto.

FALLECERAM

Effectivo

Eloy Mendes Bagorro.

Correspondentes nacionaes

José Martins Pereira, Merceana.
 Manuel Lopes Pereira, Fão.
 Thomé de Sousa Pereira Veiga, Braga.

RESUMO

Ficam existindo

Protectores	2
Benemeritos	33
Honorarios nacionaes	48
Honorarios estrangeiros	27
Effectivos	65
Correspondentes nacionaes	261
Correspondentes estrangeiros	32
Total	468

Finalmente o sr. presidente leu o seguinte discurso:

Meus senhores.—Na qualidade de presidente d'esta sociedade, e em obediencia ao, que preceitua o paragrapho nono do artigo sexto do nosso regimento interno, tenho de recitar uma oração analogá á solemnidade, para celebrarmos a qual estamos aqui reunidos.

O cumprimento d'este dever, aparentemente facil, inquietou o meu espirito por tal fórma, que me teria esquivado a satisfazê-lo, se não confiasse plenamente na vossa benevolencia.

Fez no dia 24 de julho preterito quarenta e seis annos, que esta sociedade foi instituida; e n'este largo espaço de tempo tem-se assentado n'esta cadeira pharmaceuticos tão notaveis por saber e virtudes, uns vivos ainda, outros já fallecidos, mas tão presentes á nossa memoria, como se vivos fossem, que é difficilissima empresa para mim não deslustrar a cathedra presidencial, nem faltar ao, que é devido a um auditorio tão respeitavel.

E não só me embaraçaram o respeito e veneração, que consagro aos meus antecessores n'este logar, e o receio da critica dos, que me escutam; mas tambem e muito, a escolha do assumpto.

N'este ponto hesitei bastante, e como entre o agradavel e o util, é este o preferivel, decidi-me a entreter a vossa attenção, fallando-vos do estado actual da pharmacia em Portugal, e do que a todos os pharmaceuticos portuguezes, e a esta sociedade convém fazer, para que nos levantemos do abatimento, a que chegámos, e em que nem podemos, nem devemos continuar a jazer.

Se eu houvesse de investigar todas as circumstancias, que tem concorrido desde muito tempo para que a sciencia, que professámos, e a a industria, que exercemos, tenham entre nós tão desconsoladoramente definhado, com grave prejuizo dos que a ellas se dedicam, e gravissimo damno da nação, ver-me-ia forçado a apresentar-vos não um discurso, mas um livro.

Limitar-me-hei, pois, a consignar aqui hoje as fontes principaes dos males, que affligem a nossa classe e a apontar-vos os meios, que se me afiguram conducentes a remedial-os.

Perante uma assembléa, que não fosse exclusivamente composta de pharmaceuticos, ser-me-ia indispensavel, para fundamentar as minhas reflexões, provar a intima relação, que existe entre a pharmacia e a medicina; fazer vêr claramente, que da instrucção, habilidade e honradez dos pharmaceuticos depende directa e indirectamente a cura dos enfermos; e demonstrar, que a pharmacia não é hoje uma arte, que se limite á aquisição, preparação e conservação empyricas dos productos naturaes, que a medicina emprega, e á transformação rotineira e insciente dos mesmos productos em medicamentos; mas uma sciencia vasta e sobremodo complexa, que diariamente se enriquece com muitos factos, leis e theorias da physica, da chimica, da mineralogia, da botanica, da zoologia e de outras sciencias.

Tambem necessaria, se fallasse a pessoas, que não conhecessem a importancia da pharmacia, de lhes provar até á evidencia, que os pharmaceuticos habilitados com estudos vastos e profundos, iniciados em boas escolas nos segredos das sciencias physico-chimicas e historico-naturaes, hão de ser os melhores e mais aproveitaveis mestres dos povos, e os mais economicos vulgarisadores de mil conhecimentos uteis, de mil dictames scientificos, de mil conselhos praticos, dos quaes andam sequiosos os povos, e necessitadas as artes e as industrias, mormente nas terras afastadas dos grandes centros de população, onde, em regra, abundam mais os espiritos cultos.

Praticando comvosco, meus collegas e amigos, escusado é demorar-me n'estes preliminares; e por isso entrô já a tratar do ponto principal, pedindo e esperando me continueis a prestar attenção.

No que passo a dizer, considerarei a pharmacia sob o duplo aspecto de sciencia e de industria.

Considerada n'este seu quasi constante dualismo, a mais urgente necessidade dos, que aspiram a exercel-a com proficiencia, e dos que já a exercem, é que haja escolas, onde os alumnos, cursados os preparatorios, sem os quaes o ensino superior é impossivel, encontrem professores habéis, que lhes subministrem o ensino theorico; e sobre tudo o ensino pratico, não só da pharmacia propriamente dita, mas d'aquellas partes das sciencias correlativas, cuja aprendizagem ha de exercer nos estudantes salutar influencia até ao fim da vida; inculcando-lhes o ardente amor do estudo da natureza, que fará, não de todos, mas de muitos, chimicos e physicos distinctos, naturalistas abalisados, activos e intelligentes industriaes, exploradores cheios de abnegação, assessores valiosissimos dos magistrados, obreiros dedicados do progresso, que, em vez de se limitarem á modesta e restricta faina de seus laboratorios pharmaceuticos, hão de aspirar a exercer a sua actividade simultaneamente em suas officinas e nos postos, aonde os atrahir o labor scientifico mais de sua predilecção, segundo suas naturaes aptidões.

É certo que em todos os tempos e em todos os paizes, sem excepção do nosso, tem apparecido homens mui notaveis nas sciencias, nas letras e nas artes, que deixaram de si boa memoria, e que ainda hoje existem muitos de inegavel merito, que não tendo podido cursar as escolas, a si proprios se educaram, tendo para isso de lutar com grandes difficuldades.

As regras, porém não podem ser invalidadas pelas excepções; nem é logico esperar, que estes factos isolados e excepçionaes se repitam sempre e de modo tal, que possamos confiar n'elles a ponto de entregar ao acaso a grande obra da civilisação, cuja semente está nas escolas.

Ora, em Portugal, o ensino da pharmacia é tão imperfecto, tão rudimentar, tão irregular, que eu não sei o que mais admire, quando medito na legislação, que o prescreve, se a condemnavel e rara incuria dos governos, em at-

tenderem as incessantes reclamações, que a tal respeito, durante quasi meio seculo, lhes tem dirigido esta sociedade; se o milagre, digamos assim, de haver em Portugal muitos pharmaceuticos illustrados, que honram a classe e a sciencia, apesar das difficuldades, que se oppõem á sua illustração profissional.

Não vos historiarei o, que todos vós sabeis e lamentaes, a respeito das habilitações dos pharmaceuticos; como, creadas ha tantos annos as escolas de pharmacia annexas ás escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, e á universidade de Coimbra, escolas, que, apesar da respeitabilidade de seus professores, mas por vicio da organisação das mesmas, só podem considerar-se miniaturas de escolas, ainda se permitem os exames vagos; como por meio de portarias de favor se tem atropelado a lei, dispensando aos examinandos a idade legal, o tempo de pratica e muitas vezes, implicitamente, a indispensavel instrucção; como aos lyceus se ordenou, que nos exames dos alumnos, que se destinarem para pharmaceuticos, as provas sejam incompletas e menos rigorosas, do que as dos alumnos, que pretenderem seguir outros cursos.

Corramos, por agora, um véo sobre todas estas miserias, mas não deixemos de empenhar os nossos esforços para que, quanto antes, se lhes ponha termo.

Que nos cumpre fazer para isso?

Não é facil a resposta.

Na imprensa e em todas as partes, onde hei tratado assumptos, que mais ou menos estreitamente se ligam com os negocios da publica administração, tenho eu sempre sustentado, que um povo illustrado e livre não deve pedir ao governo senão o, que absolutamente não poder conseguir pela propria iniciativa.

Convencido d'esta verdade, quizera, que a reforma do ensino pharmaceutico em Portugal se realisasse pela iniciativa d'esta sociedade.

Quizera; mas julgo impossivel conseguir este desidera-

tum, não por que aos pharmaceuticos portuguezes faltem o animo e boa vontade indispensaveis para levar a cabo empresa tão ardua; mas porque lhes escaceam os meios pecuniarios, sem os quaes qualquer tentativa d'este genero seria vã e imperficua.

Creio, que nenhum desaire resultará para a nossa classe de eu aqui affirmar, que a maioria, a quasi totalidade, dos nossos collegas é pobre; e que os sacrificios pecuniarios, que lhes seria necessario fazer, para crear um fundo, cujo rendimento fosse sufficiente para accndir a todas as despesas certas e eventuaes de tres escolas, ou mesmo de uma só, excedem as suas forças, embora não excedam a sua boa vontade.

Na impossibilidade, pois, de crear escolas de pharmacia tão bem organisadas, que o governo as podesse sancionar, resta apenas a esta sociedade o uso do direito da petição em nome dos interesses dos povos.

Sei, que em vista da indifferença, com que os governos e as camaras legislativas tem olhado para as innumeradas representações, que esta sociedade lhes tem dirigido, pedindo a reforma ou antes a organização do ensino pharmaceutico, muitos collegas se sentem tomados de profundo desalento, chegando alguns a descreer da efficacia d'este meio, que até agora nenhum resultado tem produzido.

De mim confesso, que confio ainda na justiça da causa, que advogamos, e que espero, que não venha longe o dia, em que as nossas reclamações sejam attendidas.

E como o desejo de nós todos é conseguir este beneficio de incalculavel alcance para a classe e para a nação, e empregar para isso todos os meios licitos e decorosos, seja-me permittido suggerir-vos um alvitre, que me parece não é para desprezar.

Actualmente o espirito de confraternidade entre as associações e as sociedades da mesma indole e até de indoles differentes avigora-se de dia para dia; e em Portugal, n'estes ultimos tempos as corporações estreitam com sin-

cera amizade os laços, que as uniam, e que talvez estivessem um tanto frouxos.

Aproveitando esta tendencia, que as sociedades scientificas revelam agora para mutuamente se coadjuvarem, a sociedade pharmaceutica poderia promover a reunião de um synodo composto de delegados das sociedades scientificas do paiz, afim de interessal-as na realisação da refórma do ensino pharmaceutico.

Não me parece, que á minha idéa se possa oppôr objecção ponderosa; e se não a fundamento e discussão agora é para não alongar em demasia o meu discurso.

Em quanto, porém, se não realisa o, que tanto desejámos e havemos mister; importa, que alguma cousa façamos para elevar o nivel intellectnal da nossa classe, augmentando as aptidões dos nossos confrades.

Resurge no centro d'esta sociedade a proposta, outr'ora apresentada por um dos seus mais illustres funcionarios e por mim impugnada, por me parecer então inexecutable, de se crear aqui um curso de pharmacia e das sciencias accessorias.

Logo que a commissão, a que foi remettida, dê o seu parecer, discutir-se-á, e só então se poderá saber, se nos é possivel leval-a a effeito.

Mas se as forças d'esta sociedade não chegarem para tanto, se razões plausiveis demonstrarem, que os resultados d'aquelle empreendimento não compensarão os sacrificios, que elle exigir, lembro-vos, que vos empenheis em inaugurar aqui conferencias regulares e praticas, sobre tudo praticas, de chimica analytica, de classificacão botanica, e de microscopia.

Se esta sociedade conseguir, que pessoas competentes venham á nossa casa divulgar os conhecimentos da chimica, da botanica e da microscopia applicadas ao estudo dos alimentos, das drogas, dos liquidos normaes ou morbidos formados no organismo do homem, e ás analyses das aguas e toxicologicas, fará um relevante serviço e contribuirá muito para o engrandecimento da classe.

Se a pharmacia, como sciencia padece na nossa terra pela falta de largo, bom e regular ensino, como industria, soffre e é affrontada vergonhosamente pela invasão dos intrusos, dos charlatães, e dos productores estrangeiros.

Não me occuparei agora dos, que sem sciencia, sem diploma, e sem consciencia exercem a pharmacia, calcando aos pés as leis, e vivendo regalados sob a protecção das auctoridades, que os toleram e deixam impunes. Tambem não fallarei de outro genero de charlatães, que desvergonhadamente exploram a ignorancia e credulidade do povo, com suas pancéas e elixires.

Para productores estrangeiros intelligentes, illustrados, e activos, que enriquecem a medicina de medicamentos, instrumentos e apparatus uteis e notaveis por sua efficacia, perfeição e belleza, para esses é que eu chamo a vossa attenção.

Diz-se, geralmente, que os portuguezes são fracos inventores e optimos imitadores. Se esta asseveração é, como me parece, verdadeira, convém, que aproveitemos a habilitade, que a natureza nos concedeu.

Estudar os medicamentos estrangeiros, que se recomendam pela sua utilidade e perfeição, e preparal os, com tanto esmero, que egualen ou excedam os, que importamos é concorrer poderosamente para augmentar a riqueza publica, nobilitar a classe pharmaceutica e contraminar a torpe industria dos chamados remedios secretos.

E se alguma vez os productores estrangeiros se queixarem, responder-se-lhes-á, que imitar um medicamento de composição conhecida não é falsificar-o, nem esbulhar o, que primeiro o preparou e lançou no commercio, da gloria, a que tem jus.

Se assim não fôra, relativamente a todos os artefactos e até ás produções das sciencias e das bellas artes, a humanidade não progrediria, como progride, mormente depois que a civilisação moderna inventou as exposições, que por muito concorrem, para que os productores tomem saluta-

res lições dos productos accumulados n'um recinto para mais facil confronto.

Tem comprehendido as vantagens d'esta ordem d'estudos e d'esta licita e honrosa exploração scientifico-industrial alguns pharmaceuticos portuguezes, de alguns dos quaes me occorrem os nomes.

Em época um pouco áfastada de nós distinguu-se na fabricação de algalias e outros apparatus de gomma elastica o respeitavel pharmaceutico, e antigo presidente d'esta sociedade, José Vicente Leitão, o qual primou tambem, como o nobssó collega Rino, na preparação das geléas medicinaes. Pedro Ferreira Norberto abasteceu durante muitos annos o mercado pharmaceutico portuguez de capsulas medicinaes e de gelatina.

As pilulas de Blancard primorosamente preparadas pelos nossos collegas, Manuel Vicente de Jesus e Francisco Simões Serra merecem a confiança dos clinicos e representam hoje uma importante producção.

O intelligente e respeitavel pharmaceutico Joaquim Urbano da Veiga, que ainda o anno passado occupava esta cadeira, socio da academia real das sciencias de Lisboa, e um dos redactores da pharmacopéa portugueza, prepara em grande e abastece as pharmacias nacionaes e muitas estrangeiras de granulos antimoniaes simples; de granulos antimonio-ferruginosos e de granulos antimónio-ferruginosos com bismutho, segundo o systema de Papillaud. São tambem dignos de menção os confeitos de protochlorureto de ferro, os de sabão oleo-calcareo e os de protiodeto de ferro, ainda ha pouco submettidos ao exame d'esta sociedade e por ella approvados, industria dos srs. Aquino Alves e Serra.

Os papeis epispasticos do pharmaceutico Manuel Moreira Pinto; as capsulas de essencia de sandalo, e o xarope de seiva de pinheiro, medicamentos feitos com singular esmero pelo pharmaceutico Francisco das Dores Magalhães, que lhe obtiveram menção honrosa na exposição de Paris, em 1878, e tina medalha de prata na exposição do Rio de Janeiro;

as pastilhas de phosphato de cal gelatinoso, de Felix Ferreira, o xarope de louro-cerejo, especialidade, á preparação da que, se dedica o nosso consocio o sr. Drack; os varios medicamentos, na composição dos quaes se esmeram os srs. Avellares, e por ventura outros, que me não lembram agora, indicam o começo de um movimento animador e de certo retributivo, que me parece, que por todos os modos se deve favorecer e recommendar, como prenuncio de uma era nova para os que estudarem e trabalharem.

E antes de passar á ultima parte d'este meu discurso, permitti-me, que vos falle de dois homens, já fallecidos, que honraram a pharmacia portugueza, e que foram exemplo do bom partido, que se pôde tirar do estudo serio da sciencia de Soubeiran e Dourvault. Um d'estes homens, de quem, talvez nenhum de vós ouviu fallar, chamava-se Theotonio José d'Oliveira Velho, foi pharmaceutico em Thomar, e residindo nos ultimos annos de sua vida em Lisboa, creio que empregado n'uma repartição do contrato de tabaco, prestou aos caixas do mesmo contrato muito bons conselhos attinentes ao fabrico do tabaco e sabão, e fez estudos uteis ácerca da preparação dos sabonetes e dos vernizes.

O outro cavalheiro, a quem me refiro, é José Alexandre Rodrigues. Por muito tempo foi primeiro preparador de chimica da nossa sociedade; esteve na pharmacia dos nossos collegas Azevedos e n'outra, em Alcantara. Taes eram as suas prendas, como pharmaceutico-chimico, que, a convite do esclarecido professor da escola polytechnica de Lisboa, Guilherme Pegado, e se me não engano, a convite tambem do afamado chimico e meu mestre, hoje reitor da universidade de Coimbra, o sr. visconde de Villa Maior, entrou a preparador de chimica da mesma escola, ao professorado da qual passou depois, por concurso publico, perante todo o corpo cathedratico.

Eis a que pôde levar o estudo da pharmacia e o zelo por esta formosa sciencia.

Mas, meus amigos e collegas, se o meu coração exulta,

quando contemplo os pharmaceuticos intelligentes, estudiosos, amantes do trabalho, e ardendo em desejo, de que a classe se eleve, se engrandeça, e conquiste o lugar, que lhe compete; tambem se afunda em tristesa, vendo o desalento de muitos, o como se abstem de concorrer com a sua intelligencia para a grande obra, em que estamos empenhados e como esmorecem com as difficuldades, que se lhes depa-ram, e se resignam a acceitar, sem lucta, o actual estado, que só poderá mudar se todas as forças da vontade e do saber, dos que constituem a grande familia pharmaceutica, se congregarem sob uma prudente e illustrada direcção.

É este um grande mal, talvez o maior, de quantos vexam a classe pharmaceutica.

E com ser tão grande e tão funesto, não me parece, que seja difficil debellat-o.

A união gera a força.

Este motto, que encerra uma grande verdade, não foi inventado *á priori*; revela observação delida e sagaz do modo, como se executam os phenomenos do mundo physico e moral.

O atomo isolado é uma abstracção metaphysica; muitos atomos congregados formam os corpos; a cellula sosinha, representa uma planta ou um animal rudimentar; muitas cellulas reunidas constituem as plantas e os animaes, em que a vida se patenteia em mil phenomenos, qual mais complexo e mais surprehendente.

O ascetismo do eremita, que foge do bulicio do mundo para a solidão das brenhas, e que passa dias e noites genuflexo diante de um craneo descarnado e de uma cruz negra e severa, é a negação da energia humana, que deve luctar com as adversidades até as vencer, ou morrer; é o desamor da humanidade; é o egoismo, que se exorna com o falso titulo de virtude eximia.

Mas, não é só o asceta, que a rasão e a philosophia reprehendem e condemnam, vendo-a eximir-se a coadjuvar

os seus semelhantes, e a permutar com elles os dons, que recebeu da natureza.

A razão e a philosophia reprehendem e condemnaam a todos, que podendo cooperar no bem com os que trabalham, se abstem de o fazer, umas vezes por excessiva modestia, outras por infundado receio de não poderem hobrear com os, que se lhes afiguram superiores a si; já por indolencia, já por indiferença.

Não queiramos nós, os pharmaceuticos portuguezes, incorrer em tão grave e tão justificada condemnação.

Se em volta da bandeira da nossa sociedade se agruparem todos os, que no paiz professam a pharmacia, e se cada um cheio de fé e de boa vontade concorrer conforme as suas forças para que este fogo de Vesta, que ha tantos annos aqui temos alimentado, não esmoreça, antes cada vez mais se attie e avivente, não haverá resistência, que não vencamos, nem melhoria, que não cheguemos a alcançar.

Disse.

As nove horas e meia da noite foi encerrada a sessão.—
O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

PHARMACIA

Licor concentrado de alcatrão

Alcatrão de Guyot

(ANALYSE DE JEANNEL)

Bi-carbonato de soda 22 gram.

Alcatrão vegetal 25

Agua commum 1000

Depois de oito dias de contacto, a mistura agitada muitas vezes cada dia, dá pela decantação um liquido transparente. Duas colheres de sopa para um litro de agua substitue a agua de alcatrão.

Emprega-se puro ou dissolvido em agua em abluções, injecções e fumigações.

F. CHAVES.

HISTORIA NATURAL

Botânica

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 185)

Spiranthes aestivalis. Rich.

(*Ophrys spiralis*. L.; *O. aestivalis*. Lamk.; *Neottia aestivalis*. D. C.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Buarcos, Quiaios, e em muitos pontos do Douro e Beira.

Flor. de maio a setembro.

Spiranthes autumnalis. Rich.

(*Ophrys spiralis*. L.; *Neottia autumnalis*. Ten.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Cintra e em outros pontos do paiz.

Flor. em agosto e setembro.

Limodorum abortivum. Sw.

(*Orchis abortiva*. L.)

Hab. proximo da Aldéa dos Mouros. (Brot.) no Alfeite (dr. Paulino d'Oliveira), e na Serra da Arrabida.

Flor. na primavera. Parasita.

Cephalanthera ensifolia. Rich.

(*C. Xiphophyllum*. Rich. fil.; *Epipactis ensifolia*. Sw.)

Serapias ensifolia. Murr.; *S. Xiphophyllum*. L. fil.; *S. grandiflora*. Poir. non. L.; *S. nivea*. Desf. non. Chaix.)

Hab. em Bragança, Goes, em diferentes pontos da Beira

A s raizes d'esta orchidea passam por ser adstringentes.

boreal, assim como em Cintra, Caldas da Rainha, e não muito longe de Monte-mór o Velho.

Flor. em maio e junho.

FLUVIALES

Najadeae. A. Rich.

(Lemnaceae. Endl.)

Lemna minor. L.

Lentilhas da agua menores.

Hab. nas aguas estagnadas das proximidades de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. Dioscórides elogia a acção topica d'esta planta na cura das hernias das creanças, e concede-lhe o poder de apressar a suppuração nos tumores phlegmnicos. Tambem se emprega contra as queimaduras. Pouco usada.

Lemna trisulca. L.

Hab. nos remansos dos rios, junto do Porto, e nas nossas provincias septemtrionaes.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. O povo emprega-a em cataplasma contra as queimaduras. Pouco usada.

Telmatophace gibba. Schleid.

(*Lemna gibba*. L.)

Lentilhas da agua maiores.

Hab. nas aguas estagnadas dos suburbios de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usada.

¹ Temos ainda no nosso paiz a *Lemna arhiza*. L. e a *Spirodela polyrrhiza*. Schl. (*Lemna polyrrhiza*. L.) que tem os mesmos usos medicos.

Spadiciflorae

Aròideae. Juss.

Arisarum vulgare. Kth.

(*A. latifolium*. Clus.; *Arum arisarum*. L.)

Arisaro, Capuz de fradinho, Candeias.

Hab. nas proximidades de Coimbra, Lisboa e em quasi todo o paiz.

Flor. de janeiro a março.

P. u. as raizes e folhas.

Emp. as raizes como resolutivas, expectorantes e purgativas: as folhas verdes como rubefacientes e vesicantes. Pouco usado.

Arum italicum. Mill.

(*A. maculatum* Clem. non L.)

Jaro ou pé de bezerro.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em muitos pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as raizes e folhas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Arum maculatum. L.

(*A. vulgare*. Lamk.)

Hab. na parte septemtrional do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. raizes e folhas.

Emp. o mesmo que o das especies antecedentes. Pouco usado.

Dracunculus vulgaris. Schott.

(*Arum Dracunculus*. L.; *Dracunculus polyphyllus*. C. Bauh.)

Serpentina ou Serpentaria vulgar.

Hab. na parte meridional do paiz¹.

¹ Ignora-mos se esta planta é indigena ou exotica. Willkomm, Lange e Kunth citam-na nas suas obras como oriunda de Portugal. Brotero diz que habita quasi espontanea na parte meridional do paiz.

Flor. em maio.

P. u. folhas e raizes.

Emp. o mesmo que o das especies antecedentes. Pouco usada.

Colocasia antiquorum. Schott.

(*Arum Colocasia*. L.)

Inhame do Egypto.

Hab. em Monchique.

Flor. na primavera.

P. u. as raizes.

Emp. o mesmo que o das especies antecedentes². P. usado.

Typhaceae. D. C.

Pertencentes a esta familia encontram-se no paiz a *Typha latifolia*. L. (Tabua larga). *Typha angustifolia*. L. (Tabua estreita). *Sparganium ramosum*. Huds. (Espadana d'agua) e *Sparganium simplex*. Huds. Todas habitam nas visinhanças de Coimbra. Florecem no estio. Os rhizomas são feculentos e um pouco adstringentes. Empregam-se, ainda que muito raras vezes, como diureticos, e contra as ulceras da bocca, dysenterias e gonorrhéas.

Principes

Palm ac. Lin.

Chamaerops humilis. L.

(*Phoenix humilis*. Cav.)

Palmeira das vassoiras.

Hab. no Algarve.

¹ Nas raizes de muitas especies das Aroideas abunda uma fecula que se assemelha muito á do sagú, sendo a *Colocasia* a que fornece maior quantidade. Para se poder empregar como alimenticia, é necessario prival-a do principio acre e venenoso que ella contém, o que se consegue por diversos processos.

Em medicina emprega-se o amido extraido da fecula d'estas plantas, sendo o mais empregado o da Serpentina vulgar.

Na ilha de Portland, na costa oriental de Inglaterra, extrae-se uma farinha das raizes das Aroideas, denominada «Portland arrow-root» com que se fabrica um pão muito nutritivo. (Texidor y Cos).

Flor. na primavera.

P. u. os fructos.

Emp. como peitoral.

Phoenix dactylifera. L.

(Ph. excelsior, Cav.)

Tamareira ou palmeira das igrejas.

Planta oriunda da Africa septentrional e cultivada no nosso paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os fructos¹.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

ACHAMPHIBRYA

GYMNOSPERMAE

Coniferae

Cupressinace. Endl.

Juniperus sabina. L.²

Sabina.

Arbusto indigena da Europa meridional, da Asia e America septentrional, e cultivado no nosso paiz.

Flor. em abril.

P. u. as summidades³.

Emp. Excitante e emmenagogo; sua acção sobre o utero é muito pronunciada. A acção local da sabina é irritante. Externamente emprega-se muitas vezes debaixo da fórma de pommada para prolongar a suppuração das superficies vesicadas, e avivar ulceras atonicas e fungosas.

Juniperus oxycedrus. L.

(*J. rufescens*. Lk. et Endl.)

¹ Os fructos d'esta planta a que chamamos *tamaras*, chegam a amadurecer sómente na parte meridional do nosso paiz.

² Variedades. *α. vulgaris*. Endl. (*J. lusitanica* Mill.), *Sabina real*.

β. humilis. Endl. (*J. prostrata*. Torr. non P., *J. alpina*. Lodd.), *Sabina rasteira*.

³ Não se deve substituir sem indicação especial pelo *Juniperus phoenicea*. L. (Zimbro Pheniceo), pois não é raro darem nas boticas esta especie pela verdadeira Sabina.

Zimbro alvar.

Hab. a parte do nosso paiz comprehendida entre o Tejo e o Sado.

Flor. em março e abril.

P. u. os estrobilos ¹.

Emp. como estomâchicos e diureticos. Pouco usado.

Juniperus communis. L.

Zimbro, Junipero.

Hab. nas serras do Gerez, da Estrella, e em outros pontos da nossa provincia de Tras-os-montes.

Flor. em abril e maio.

P. u. os estrobilos ².

Emp. internamente como estimulantes e diureticos: externamente em fumigações contra as dôres rheumaticas ³.

Cupressus sempervirens α. L.

(*C. fastigiata*. DC. *C. pyramidalis*. Targ.)

Cypreste.

Hab. a Grecia, Persia, Asia menor e alguns pontos do Himalaya. Cultiva-se muito no nosso paiz particularmente nos cemiterios.

Flor. na primavera.

P. u. os estrobilos ⁴.

Emp. como adstringentes e febrifugos.

Abietinac. Endl.

Pinus maritima. Brot. non Lamk.

(*P. pinaster*. Ait. α. *acutisquama*. Boiss. *P. laricio* Sant. non Poir.)

Pinheiro bravo.

Hab. em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

¹ Vulgarmente chamada Bagas.

² Outr'ora empregou-se na medicina as rasuras do lenho, assim como as summidades d'esta planta.

³ Os estrobilos do Zimbro entram no fabrico da Genebra.

⁴ Vulgarmente chamados Maças de cypreste. Devem ser colhidas antes da sua maturação.

P. u. os turiões ou renovos terminaes ¹, o succo leitoso ² e a seiva ³.

Emp. D'esta conifera assim como das suas congeneres, se tiram diversos productos, entre os quaes alguns têm grande emprego medico. Da gemma extrahe-se a colofonia, a resina amarella, o pez branco e negro, a terebinthina, o oleo e a essencia de terebinthina, etc. Do lenho ou acha extrahe-se o alcatrão, o breu, e obtem-se a aguarraz, o acido pirolinhoso, etc.

Os productos resinosos obtidos do pinheiro bravo e que se empregam em medicina são todos mais ou menos excitantes e alguns d'elles anthelminticos.

Os turiões ou renovos terminaes e a seiva obram como bechicos e diureticos.

Taxineac. L. C. Rich.

Taxus baccata. L.

Teixo.

Hab. nas serras da Estrella, do Gerez, e em outros pontos das nossas provincias da Beira, Douro e Minho.

Flor. em abril e maio.

P. u. as folhas e fructos ⁴.

Emp. Perey foi o primeiro medico que tentou tirar das bagas do teixo um medicamento contra as antigas prevenções da acção venenosa d'esta baga sobre o homem; aquelle pratico formou das bagas do teixo uma geléa, e um xarope util nas molestias de peito, tosse, colicas dôres hemorrhoidaes e nephriticas. (*Mat. med.* do sr. Beirão).

As folhas do teixo são acres, amargas e nauseabundas. Têm acção emmenagoga; irritam fortemente o aparelho digestivo; e produzem um profundo narcotismo que pôde terminar pela morte. (*Texidor y Cos — Flora Pharmaceutica*). Pouco usado.

¹ Vulgarmente chamados Gomos.

² Vulgarmente chamado Leite ou Gemma de Pinheiro.

³ Seiva aquosa. Seiva ascendente.

⁴ Vulgarmente chamados Bagas.

Gnetaceae. Lindl.

Ephedra distachya. Brot. non L.

(*E. fragilis.* Desf.)

Cornicabra dos Algarvios.

Flor. em maio.

P. u. as sumidades.

Emp. astringentes. Pouco usada.

(*Instituto de Coimbra.*)

(Continúa.)

VARIEDADES

Junta escolar do concelho de Lisboa. —

A camara municipal de Lisboa nomeou, em sessão de 3 de outubro, vogaes da referida junta os srs. José Elias Garcia, José Joaquim da Silva Amado e João José de Sousa Telles, digno presidente da sociedade pharmaceutica lusitana.

Muito folgamos com a merecida honra que acaba de receber o nosso illustrado collega; e estamos certos que se ha de haver no desempenho do seu novo cargo com o saber e proficencia que todos lhe reconhecem.

Pharmacopêa internacional. — O congresso pharmaceutico internacional de Londres tomou, a respeito da projectada pharmacopêa internacional, as deliberações seguintes:

1.º O quinto congresso pharmaceutico internacional, realisado em Londres, confirma as resoluções tomadas nos precedentes congressos sobre a utilidade d'uma pharmacopêa internacional; mas é de parecer que é necessario, desde já, designar uma commissão formada de dois delegados de cada um dos paizes representados n'este congresso, que preparará no mais curto espaço de tempo possivel um trabalho em que a força de todas as drogas activas e a de seus preparados seja egualada.

2.º A commissão executiva d'este congresso será encarregada de tomar as providencias necessarias para que a